



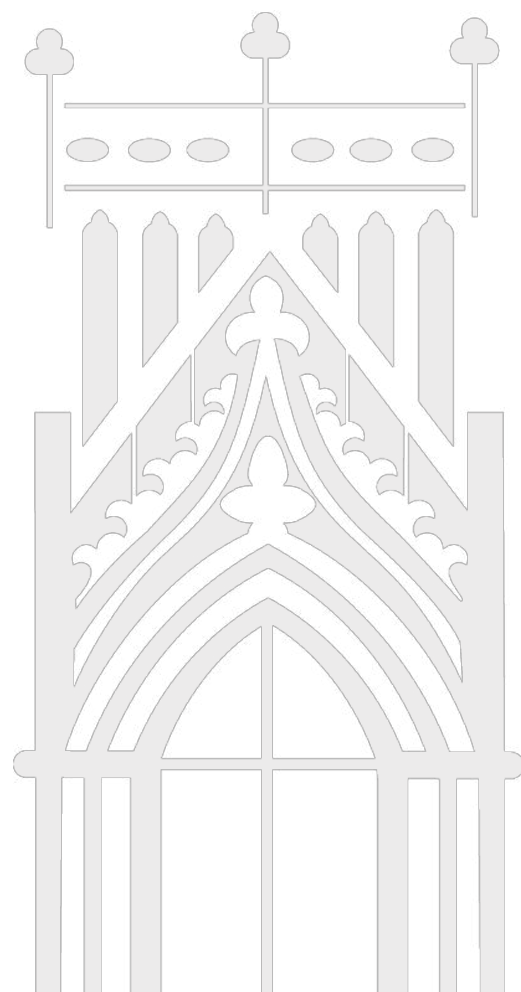
IPG Politécnico
|da|Guarda
Polytechnic
of Guarda

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

Relatório de Estágio da Prática
de Ensino Supervisionada

Waléria Cristina Soares Pereira

julho | 2017



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto



IPG

Politécnico
|da|Guarda

Polytechnic
of Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

WALÉRIA CRISTINA SOARES PEREIRA

**MESTRADO EM ENSINO DO 1º E 2º CICLOS DO
ENSINO BÁSICO**

Guarda
Julho de 2017



IPG

Politécnico
|da|Guarda

Polytechnic
of Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

WALÉRIA CRISTINA SOARES PEREIRA

MESTRADO EM ENSINO DO 1º E 2º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

Orientador: Professor Doutor Mário José Silva Meleiro

Guarda
Julho de 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus impossível por mais uma conquista, que por vezes me pareceu apenas uma quimera;

Agradeço ao meu marido Carlos, meu companheiro, pai e amigo, que investiu em mim e tem me acompanhado no exercício da minha profissão com carinho e paciência;

Agradeço a meu filho amado, João Guilherme, que compreendeu meus momentos de ausência e irritabilidade, a quem peço perdão;

Agradeço a minha querida mãe e irmãos, pela compreensão e orações dedicadas a mim, diante dos meus momentos de desmotivação;

Agradeço a minha grande amiga, Rosineth Neves, pelas orações e por me ajudar a realizar este sonho.

Parafraseando Shakespeare, no seu belíssimo poema Menestrel, quando diz que não devemos esperar por ninguém para plantar flores em nosso jardim... Foi o que fiz, plantei no meu jardim do conhecimento para colher muitos louros;

Enfim, dou graças por tudo que passei, pois hoje Deus permitiu-me vencer mais uma batalha.

RESUMO

As primeiras comunicações escritas (desenhos) de que há notícias são das inscrições nas cavernas 8.000 anos a. C.. Desde então, compreendeu-se que a comunicação é uma atividade essencial para a vida em sociedade, pois através dela os seres em geral partilham diferentes informações e experiências. Este processo de comunicação consiste na transmissão de informação entre um emissor e um receptor que descodifica (interpreta) uma determinada mensagem.

A mensagem pode ser em formato variado: podem ser gestos, sons, uma língua natural (português, inglês, espanhol, etc.), e transportada até o destinatário através de um canal de comunicação. Para que a mensagem alcance o seu destinatário são necessários alguns elementos: emissor, receptor, código, mensagem, canal e referente.

Em se tratando da comunicação verbal, quer seja oral ou escrita, há que se respeitar as regras gramaticais estabelecidas por uma língua materna. Para isso, justifica-se a realização deste Projeto de Pesquisa, que é composto de três capítulos. No primeiro, destaca-se a cidade de São Luís, onde localiza-se a escola na qual realizei minha prática de ensino. No segundo capítulo faz-se a descrição do processo de prática de ensino supervisionada. No terceiro capítulo consta a pesquisa realizada acerca da linguagem popular e da gramática normativa.

A pesquisa levanta a hipótese de que a linguagem informal deve ser valorizada dentro do processo da comunicação. Em contrapartida, há que se explorar largamente o domínio da gramática normativa, através dos variados objetos culturais, a fim de que ludicamente suas regras sejam assimiladas e tornem-se parte do vocabulário natural dos usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Linguagem Formal; Linguagem Informal; Gramática Normativa.

ABSTRACT

The first written communications (drawings) of which there are news of the inscriptions in the caves 8,000 years a.C. Since then, it has been understood that communication is an essential activity for life in society, because through it beings in general share different information and experiences. This communication process consists of the transmission of information between a sender and a receiver that decodes (interprets) a particular message.

The message can be in a varied format: they can be gestures, sounds, a natural language (Portuguese, English, Spanish, etc.), and transported to the recipient through a communication channel. In order for the message to reach its destination, some elements are needed: sender, receiver, code, message, channel and referrer.

When it comes to verbal communication, whether oral or written, it is necessary to respect the grammatical rules established by a mother tongue. For this, it is justified to carry out this Research Project, which is composed of three chapters. In the first one, the city of São Luís stands out, where the school in which I did my teaching practice is located. In the second chapter is the description of the supervised teaching practice process. In the third chapter we find the research on popular language and normative grammar.

The research raises the hypothesis that informal language should be valued within the communication process. On the other hand, the domain of normative grammar, through the various cultural objects, must be extensively explored, so that its rules can be loosely assimilated and become part of the users' natural vocabulary.

KEYWORDS: *Communication; Formal Language; Informal Language; Grammar Rules.*

GLOSSÁRIO

ALIMA	– Atlas Linguístico do Maranhão
ANA	– Avaliação Nacional da Alfabetização
ANEB	– Avaliação Nacional da Educação Básica
ANRESC	– Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
APA	– Área de Preservação Ambiental
CNPQ	– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EJA	– Educação de Jovens e Adultos
ENEM	– Exame Nacional do Ensino Médio
FAPEMA	– Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	– Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	– Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	– Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
LDB	– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
PDE	– Plano de Desenvolvimento da Educação
PNAD	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SAEB	– Sistema de Avaliação da Educação Básica
UEB	– Unidade de Educação Básica
UFMA	– Universidade Federal do Maranhão

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Glossário	vii
Índice Geral.....	ix
Índice de Figuras	xi
Índice de Gráficos	xi
Índice de Fotografia	xiii
Introdução	1
Capítulo I	
1 Enquadramento Institucional.....	3
1.1 Ilha de São Luís.....	3
1.2 O bairro Maracanã.....	9
Capítulo II	
1 A Instituição – UEB Major José Augusto Mochel.....	11
1.1 A sala de aula	14
1.2 A rotina.....	15
1.3 Perfil Socioeconômico	15
1.4 Perfil Pedagógico	17
2 Descrição do Processo de Prática de Ensino Supervisionada	19
2.1 Ensino Fundamental – Anos Iniciais.....	19
2.2 Ensino Fundamental – Anos Finais.....	21
Capítulo III.....	27
1 Contexto Social.....	27
1.1 Atenas Brasileira	27
1.2 Sotero dos Reis – A primeira gramática do Brasil	28
1.3 A linguagem popular maranhense - Mapa linguístico do Maranhão.....	30
1.3.1 A cultura popular e sua influência na linguagem do povo ludovicense	31
2 Índice de Desenvolvimento Humano de São Luís – IDH.....	41
3 Qualidade na Educação.....	45
3.1 Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.....	45

3.2 Ideb da UEB Ana Lúcia Chaves Fecury.....	46
3.3 Ideb da UEB Bandeira Tribuzzi	47
3.4 Ideb da UEB Major José Augusto Mochel.....	48
3.5 Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb.....	49
4 Papel da Escola	53
5 A Necessidade da Comunicação	57
5.1 Funções da linguagem.....	58
5.2 Níveis de Linguagem.....	59
5.3 Preconceito linguístico	60
6 Problemática	65
6.1 Objeto.....	66
6.2 Metodologia.....	66
6.3 Avaliações	66
6.4 Questionários.....	70
6.5 Análise de resultados.....	70
6.6 Considerações finais.....	74
Conclusão.....	77
Bibliografia	79
Webgrafia.....	81
Legislação	81
Anexos.....	82

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Ilha de São Luís-MA	3
Figura 2 - Bandeira da cidade de São Luís-MA	5
Figura 3 - Bumba-meu-boi de Maracanã	9
Figura 4 - Juçara	22
Figura 5 - Primeira Gramática do Brasil (Capa)	29
Figura 6 - Primeira Gramática do Brasil (Contracapa)	29
Figura 7 - Mapa de São Luís-MA	41
Figura 8 - Caracterização do território	41
Figura 9 - Escolaridade da população	42
Figura 10 - Tabela da Vulnerabilidade Social	42
Figura 11 - Ideb do 5º ano da UEB Ana Lúcia Chaves Fecury	46
Figura 12 - Ideb do 9º ano da UEB Ana Lúcia Chaves Fecury	47
Figura 13 - Ideb do 5º ano da UEB Bandeira Tribuzzi	47
Figura 14 - Ideb do 9º ano da UEB Bandeira Tribuzzi	48
Figura 15 - Ideb do 5º ano da UEB Major José Augusto Mochel	48
Figura 16 - Ideb do 9º ano da UEB Major José Augusto Mochel	49
Figura 17 - Organograma das avaliações	50
Figura 18 - Coleção Viver e Aprender	53
Figura 19 - Página 15 Coleção Viver e Aprender	54
Figura 20 - Página 16 Coleção Viver e Aprender	55
Figura 21 - Esquema da comunicação	57
Figura 22 - Rede Social	67

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Formação da sala	16
Gráfico 2 - Perfil econômico das famílias	16
Gráfico 3 - Habilitação educacional dos pais	17
Gráfico 4 - Linguagem na escola e fora dela – rede pública	72
Gráfico 5 - Linguagem na escola e fora dela – rede particular	73
Gráfico 6 - Linguagem dos falantes em geral	74

ÍNDICE DE FOTOGRAFIA

Fotografia 1 - Fachada da UEB Majo José Augusto Mochel.....	12
Fotografia 2 - Hall de entrada da escola (frontal)	13
Fotografia 3 - Hall de entrada da escola (à esquerda)	13
Fotografia 4 - Estacionamento, quadra e entrada principal da escola	14
Fotografia 5 - Sala de aula.....	15
Fotografia 6 - A lenda do Rei Sebastião	36
Fotografia 7 - Elenco da Cia Santa Ignorância.....	38
Fotografia 8 - Elenco caracterizado	38

INTRODUÇÃO

Trabalhar a língua portuguesa em sala de aula tem sido um grande desafio para os professores da atualidade, inclusive para mim, pois a linguagem do falante é dinâmica e, por vezes, desprovida de regras. Dinâmica, sob o aspecto dos neologismos que surgem com uma frequência cada vez maior; desprovida de regras, pois ao falar, o usuário da língua, geralmente, não demonstra qualquer preocupação com as regras da norma culta.

Os interlocutores nesse processo de ensino-aprendizagem encontram-se, em sua maioria, desmotivados. De um lado, nós, professores, que apresentamos um perfil variado mediante a esfera em que trabalhamos, seja ela pública ou privada.

Na rede pública, não se dispõe de tanto aparato tecnológico para dinamizar nossas aulas, além do comodismo didático, que por vezes toma conta de alguns docentes. Na rede privada, nem sempre há interesse ou tempo por parte dos professores para se aperfeiçoarem, por causa dos custos e dos extensos calendários escolares. De outro lado estão os alunos, inquietos com didáticas maçantes e sedentos pelo contato com a tecnologia, que lhes oferece milhares de informações por segundo, sem nenhuma regra.

Estas situações se convergem e resultam em um ambiente desgastante e improdutivo para o professor e desinteressante e descontextualizado para o aluno, pois as aulas de gramática são irrelevantes para o seu cotidiano, tendo em vista as regras que fogem do seu dia a dia.

Esta realidade me inquietava ao longo dos meus treze anos de prática docente nestas duas redes de ensino como professora de língua portuguesa. Por isso, diante das minhas inquietações, busquei um tema voltado para as “Percepções da língua em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social de São Luís”, para saber como a língua materna é usada por outros professores de língua portuguesa e demais áreas do conhecimento, assim como por alunos e falantes em geral.

A pesquisa foi organizada em três capítulos. No primeiro há a apresentação da cidade e da escola onde ocorreu a prática de ensino supervisionada. No segundo há a descrição das aulas ministradas para os alunos do ensino fundamental 1, séries iniciais, e fundamental 2, séries finais. Por fim, no capítulo três, consta a pesquisa mencionada acerca do uso da língua portuguesa.

CAPÍTULO I

1 ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

O Brasil é um país continente, devido à sua extensão territorial. Divide-se em cinco regiões: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste, das quais o estado do Maranhão se insere no Nordeste. O estado é formado por 217 municípios, cuja capital é São Luís, localizada em uma ilha do mesmo nome, composta por quatro municípios organizados respectivamente por ordem de tamanho e importância econômica: São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa (cf. figura 1).

A escola selecionada para a prática de ensino supervisionada localiza-se na zona rural de São Luís, no bairro do Maracanã.

1.1 Ilha de São Luís



Figura 1 - Mapa da Ilha de São Luís-MA

Fonte: <http://www.tagaturonline.com.br>, consultado em 22 de maio de 2017

São Luís é a capital do estado do Maranhão. É a única cidade brasileira fundada por franceses, no dia 8 de setembro de 1612, tendo sido posteriormente invadida por holandeses. Em seguida, foi colonizada pelos portugueses. Localiza-se na ilha de Upaon-Açu, no Atlântico Sul,

entre as baías de São Marcos e São José de Ribamar. Em 1621, quando o Brasil foi dividido em duas unidades administrativas – Estado do Maranhão e Estado do Brasil — São Luís foi a capital da primeira unidade administrativa.

Com uma população de 1 014 837 habitantes, São Luís é o município mais populoso do estado, além de ser o 15º município mais populoso do Brasil, e o 4º da Região Nordeste (ficando atrás somente de Salvador, Fortaleza e Recife), sendo ainda a 13ª capital mais populosa do Brasil. Sua área é de 831,7 km², e desse total 157,5656 km² estão em perímetro urbano. O município faz parte da Mesorregião do Norte Maranhense e da Microrregião da Aglomeração Urbana de São Luís, localizadas a norte do estado do Maranhão.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município é aferido de duas maneiras. A primeira, realizada a cada dez anos, segundo dados das Nações Unidas (IBGE), datados do ano 2010, é de 0,768, estando acima da média brasileira, sendo a décima quinta capital estadual brasileira com maior IDH e a terceira capital do Nordeste, perdendo apenas para Recife e Aracaju. A segunda é aferida anualmente através do Radar IDHM, que utiliza as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), também do IBGE, que corresponde aos anos de 2011 a 2014, conforme mostra no item 2 do capítulo 3.

A capital maranhense tem um desenvolvido setor industrial por conta de grandes corporações e empresas de diversas áreas que se instalaram na cidade pela sua privilegiada posição geográfica entre as regiões Norte e Nordeste do país. Seu litoral está estrategicamente localizado bem mais próximo de grandes centros importadores de produtos brasileiros como Europa e Estados Unidos, o que permite economia de combustíveis e redução no prazo de entrega de mercadorias provenientes do Brasil pelo Porto de Itaqui, que é o segundo mais profundo do mundo e um dos mais movimentados, sofisticados e bem estruturados para o comércio exterior no Brasil.

A cidade está ligada ao interior do estado por meio de uma linha férrea e também aos estados vizinhos do Pará, Tocantins e Piauí, o que facilita e barateia a escoação agrícola vinda do interior do país para o porto de Itaqui, sendo que, com a conclusão da Ferrovia Norte-Sul, a cidade vai estar interligada a todas as regiões brasileiras por ferrovias. Por rodovia, a ilha já é servida pela BR-135, que a liga ao continente e, por ar, conta com o Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado, com capacidade de atender mais de um milhão de passageiros por ano e que já opera com demanda quase saturada pelo movimento intenso de passageiros não somente da cidade de São Luís mas também por servir como porta de entrada por ser o maior e mais movimentado aeroporto próximo ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

O clima em São Luís é tropical e semiúmido, sendo fortemente influenciado pelo mar e pela Zona de Convergência Intertropical. A cidade apresenta grande quantidade de coqueiros e

muita vegetação litorânea. Há pequenas áreas de Floresta Amazônica que resistiram ao processo de urbanização da cidade, todas protegidas por parques ambientais. Pequenos rios nascem na cidade: entre eles, o Rio Bacanga é o mais importante economicamente.

O nome da cidade é uma homenagem dada pelos franceses ao rei da França Luís XIII, conforme registrou o cronista da França Equinocial, o Capuchinho Claude D'Abbeville. Posteriormente, o nome passou a referenciar Luís IX, chamado de "São Luís Rei de França". O rei Luís IX ficou popular, pois morreu numa Cruzada na Idade Média, sendo posteriormente canonizado pela Igreja.

São Luís, Patrimônio da Humanidade, é uma cidade encantadora, dividida entre o passado e o presente, com uma cultura riquíssima que aproxima as heranças negras, indígena e europeia, que no mês de junho encanta os turistas com seu Bumba-meu-boi e o Tambor de Crioula, ambos patrimônio imaterial da humanidade. Acumulou muitos títulos ao longo dos séculos. Dentre eles: Atenas Brasileira, Cidade dos azulejos, Ilha Bela, Jamaica Brasileira, entre outros.



Figura 2 - Bandeira da cidade de São Luís-MA

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_\(Maranh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_(Maranh%C3%A3o)), consultado em 15 de maio de 2017.

A bandeira de São Luís traz ao centro um brasão que data do ano 1927. O escudo francês representa o estado do Maranhão em campo azul. As estrelas em prata representam São Luís como a "Atenas Brasileira" e fazem referência ao Grupo Maranhense que se destacou na história da literatura nacional, sendo eles: Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes, Gomes de Sousa, Sotero Reis, Henriques Leal e Belarmino de Matos.

O escudete representa a ilha de São Luís no mapa do estado. Na esfera central, uma tríade de flores de lis em ouro, símbolo sacro francês e nome da cidade em homenagem a Luís XIII. A tríade também representa as naus francesas Regente, Charlotte e Saint' Anne da expedição de La Ravardiére de 1612.

Uma cruz contendo cinco quinas em azul, símbolo português sob fundo prata, indicando a paz como propósito fim e a influência desta nação sobre a história da cidade. A coroa mural apresenta torres de ouro por se tratar de cidade capital de estado. Ramos de louro sugerem a intrepidez e virtude do povo ludovicense.

O ano 1685 em preto evoca a chamada Revolta de Bequimão contra o monopólio do Estanco, explorado pela Companhia de Comércio do Maranhão e que terminou com o sacrifício do lisboeta Manuel Beckman em 2 de novembro de 1685 que morreu enforcado, justificando o listel em goles vermelho.

Hino de São Luís

Bandeira Tribuzi

Ó minha cidade

Deixa-me viver

que eu quero aprender

tua poesia

sol e maresia

lendas e mistérios

luar das serestas

e o azul de teus dias

Quero ouvir à noite

tambores do Congo

gemendo e cantando

dores e saudades

A evocar martírios

lágrimas, açoites

que floriram claros

sóis da liberdade

Quero ler nas ruas

*fontes, cantarias
torres e mirantes
igrejas, sobrados
nas lentas ladeiras
que sobem angústias
sonhos do futuro
glórias do passado*

O poeta Bandeira Tribuzi compôs a música para concorrer em um festival no Rio de Janeiro, por volta do ano 1978. Tempos depois, tornou-se o hino de Louvação a São Luís, que retrata lendas e mistérios desta ilha de segredos e encantarias. Os tambores do Congo lembram os negros sequestrados da África.

Ilha Magnética

César nascimento

Ô, ô, ô...

*Ah! que horizonte belo de se refletir
Outro dia me disseram que o amor nasceu aqui
Saiu detrás do sol com um jeito de guri
Tanto novo, como leve o amor nasceu aqui*

*Ponta d'areia, olho d'água e araçagy...
Mesmo estando na raposa eu sempre vou ouvir bis
A natureza me falando que o amor nasceu aqui*

Ô, ô, ô...

*Ah! que ilha inexata quando toca o coração
Eu te toco, tu me tocas cá nas cordas do violão
E, se um dia eu for embora pra bem longe deste chão
Eu jamais te esquecerei são luís do maranhão*

Nos anos 90, o compositor maranhense César Nascimento dedicou esta canção, na verdade uma ode, a São Luís para retratar as praias, o pôr-do-sol e a saudade dos que partem da ilha para outro destino. Ele não foi o primeiro, pois o poeta Gonçalves Dias, no século XVIII

compôs sua famosa canção do exílio para descrever a saudade e a beleza da sua terra, Brasil, Maranhão e São Luís.

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
onde canta o Sabiá.*

Na linha do tempo da literatura, desde o século XIX até hoje, o Maranhão tem seus representantes no meio cultural. Gonçalves Dias foi o precursor de destaque internacional em

falar das belezas naturais da terra, em sua famosa e tão parafraseada Canção do Exílio, que representa a primeira geração romântica no Brasil.

1.2 O bairro Maracanã

Maracanã é um bairro pertencente à zona rural, no distrito industrial, a 18 km de distância do centro de São Luís. A comunidade local é de classe média baixa e no bairro é possível encontrar ruas sem estrutura básica como água encanada, esgoto e asfalto. Uma parte dos moradores trabalha no distrito industrial, por estar localizado próximo à localidade, e outra parte sobrevive da venda da juçara e do turismo.

No final do mês de outubro, tem a famosa festa da Juçara, ou açai, como é mais conhecida na região norte. Esta fruta tem caroços arroxeados e produz um líquido espesso saboroso. No Maranhão, é tradicionalmente consumida com ou sem açúcar, acompanhada de camarão seco ou peixe frito e farinha. Além da saborosa juçara, este tradicional bairro tem um dos elementos mais bonitos da cultura Ludovicense, o Bumba-meu-boi de Maracanã (cf. figura 4), que arrasta multidões com suas belíssimas toadas, inúmeros brincantes e adornos. Tem também uma grande Área de Preservação Ambiental (APA).



Figura 3 - Bumba-meu-boi de Maracanã

Fonte: <http://buskakinews.com.br/boi-maracana-sitio-piranhenga-e-rota-da-juçara-sao-otimas-opcoes-de-passeio-em-sao-luis/>, consultado em 15 de maio de 2017.

CAPÍTULO II

No mês de setembro de 2015, iniciei minha prática de ensino supervisionada, na UEB Major Augusto Mochel, que era uma das opções apresentadas para esta etapa. Eu a escolhi porque se trata de uma escola da área rural, que apresenta um cotidiano bem diferente das escolas urbanas onde estou habituada a trabalhar.

1 A INSTITUIÇÃO – UEB MAJOR JOSÉ AUGUSTO MOCHEL

Em 1940, nascia uma instituição educativa chamada Escola Nossa Senhora da Vitória, localizada na Vila Alegria do Maracanã, que atendia crianças de diferentes idades até à 3ª Série, onde tinha espaço para trabalhos manuais. Em 1947, a escola passou a se chamar Professor Joaquim Serra.

Assim, essa escola funcionou até que em 26 de junho de 1972 passou a se chamar Escola Major José Augusto Mochel, pai da Secretária de Educação Rosa Mochel, a quem foi feita esta homenagem.

Atualmente, a gestora da escola é a senhora Ângela Maria de Araújo Dutra, que há dois anos e nove meses iniciou um trabalho de reforma no espaço físico do prédio, providenciou o retorno dos ônibus escolares, entre outros encaminhamentos.

O corpo docente é formado por quarenta e dois professores, que se distribuem em três turnos. Esta equipa é bem diversificada no que se refere ao domínio de conteúdo, ao trabalho multidisciplinar.

O corpo discente é composto em média por 800 alunos distribuídos nos três turnos. Um número expressivo que se divide entre as dez salas regulares da unidade, uma sala de recursos utilizada para alunos que necessitem de acompanhamento especial e uma biblioteca.



Fotografia 1 - Fachada da UEB Major José Augusto Mochel

Fonte: Própria

Horário de funcionamento da instituição

- Abertura: 7h:30min
- Encerramento: 21h:30min

Espaço Interior

- Entrada – A escola tem um hall central que dá acesso aos demais ambientes da escola;
- Secretaria / Gabinete de Direção – Primeira sala à esquerda da entrada, onde a secretária e a Diretora atendem à comunidade escolar;
- Refeitório – Local amplo onde alunos e funcionários fazem as suas refeições;
- Salas de atividades letivas – É nestas salas que decorrem as atividades pedagógicas;
- Sanitários – Toda a instituição está equipada com instalações sanitárias em precárias condições de uso;



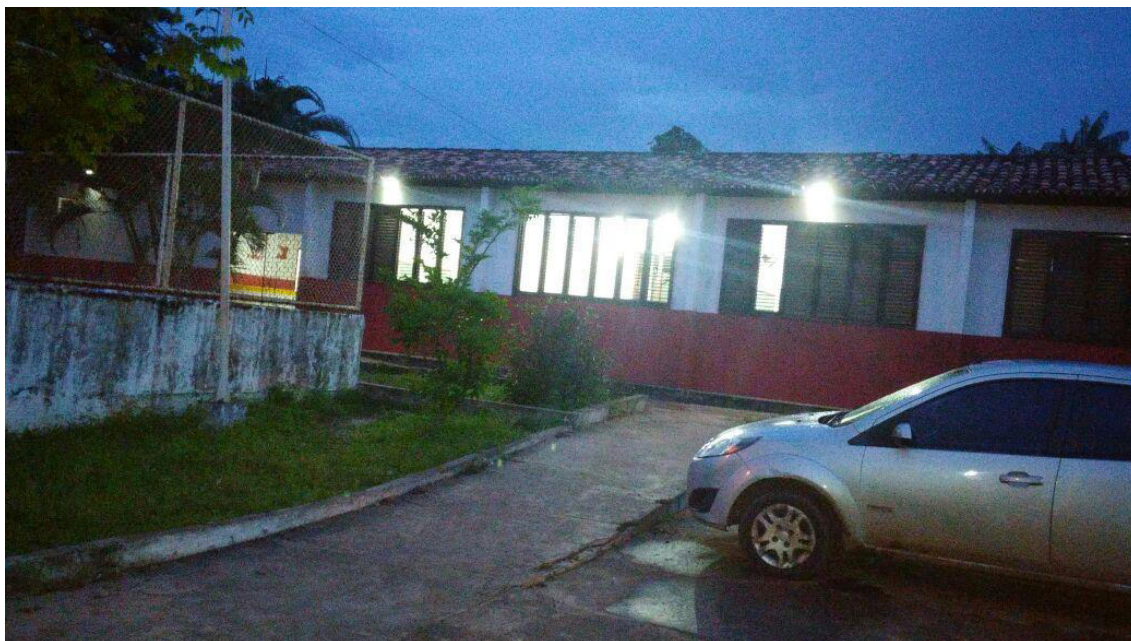
Fotografia 2 - Hall de entrada da escola (frontal)
Fonte: Própria



Fotografia 3 - Hall de entrada da escola (à esquerda)
Fonte: Própria

Espaço Exterior

- **Estacionamento** - Parte frontal da escola;
- **Jardins** – São dois os jardins que se situam na zona frontal da instituição, que lhe dá uma imagem aprazível;
- **Quadra poliesportiva:** São realizadas atividades esportivas diversas;



Fotografia 4 - Estacionamento, quadra e entrada principal da escola
Fonte: Própria

1.1 A sala de aula

A sala de aula deve ser um ambiente vivo, dinâmico, visto que é o espaço de encontro entre professor, aluno e o conhecimento.

Ao conviver com a turma 72 por uma semana, certifiquei-me desta visão positiva acerca da sala de aula. No entanto, alguns pormenores do espaço físico não colaboram para que a prática pedagógica cotidiana flua de forma tão pulsante.

A sala tem um formato retangular com as cadeiras enfileiradas em direção ao quadro, dividido para o uso de giz ou pincel atômico. Algumas cadeiras encontram-se quebradas, em grande parte das vezes pelos próprios alunos. Os quatro ventiladores mais decoram do que funcionam, e o calor deixa os alunos agitados. Em contrapartida, a ventilação natural, devido ao ambiente arborizado em torno da escola, reduz o calor intenso. As janelas são largas e viabilizam a passagem do vento, mas encontram-se quebradas e no período de chuva, segundo relatos dos alunos, há desvantagens, pois a chuva adentra o local.

A turma é composta por trinta e cinco alunos, em sua maioria por meninas. Esta quantidade acomoda-se de forma razoável na sala com cerca de trinta metros quadrados.



Fotografia 5 - Sala de aula
Fonte: Própria

1.2 A rotina

As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, iniciando às 13:10 horas e encerrando às 17:40 horas. O intervalo acontece por 20 minutos, entre às 15:40 e 16 horas. Diariamente, a escola distribui aos alunos lanche fornecido pela prefeitura. Isto ocorre nos três turnos.

Todos os dias há cinco horários, que duram cinquenta minutos cada um, incluindo-se a atividade esportiva (educação física, vôlei, basquete, futebol, etc). As disciplinas de maior carga horária são matemática e língua portuguesa.

Apesar da organização da carga horária semanal, ficam algumas lacunas, em virtude da carência de professores na rede pública municipal, o que causa prejuízos educacionais a estes alunos. No caso deles, havia carência de docente para diversas disciplinas.

1.3 Perfil Socioeconômico

As turmas nas quais desenvolvi minha pesquisa, EJA e 72, eram compostas em média por 35 alunos, em sua maioria meninas, como mostra o gráfico 1, todos moradores do bairro Maracanã ou áreas adjacentes. Alguns chegavam à escola trazidos pelo transporte público escolar, outros vinham de bicicleta ou a pé.

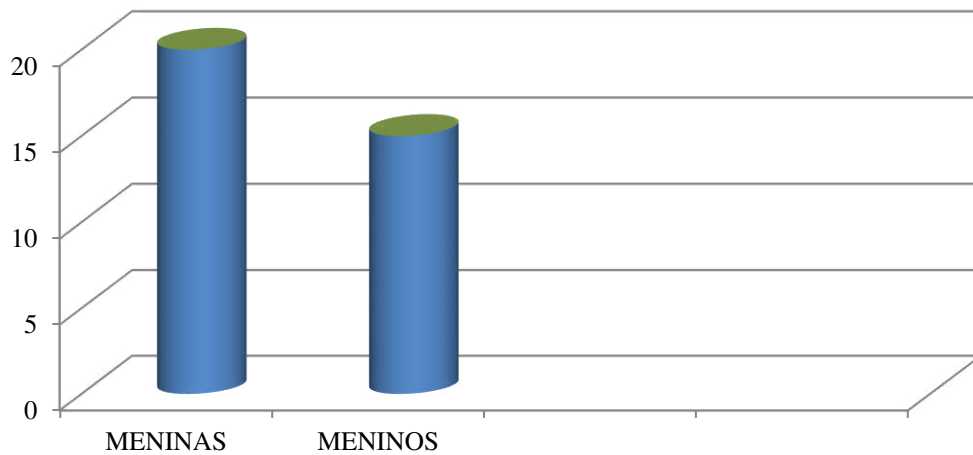


Gráfico 1 - Formação da sala

Fonte: Própria

A escola está instalada numa área rural da capital São Luís. Por este motivo, o perfil socioeconômico e educacional das famílias destes menores é baixo. São compostas em geral entre três a seis membros, incluindo os pais e os filhos, ou mãe, filhos e avó. Muitos pais são agricultores ou pescadores, algumas mães trabalham como domésticas, outros trabalham na informalidade, vendendo alimentos nas portas das casas ou locais de grande circulação de pedestres (cf. gráfico 2). Nenhum cursou o ensino superior, raríssimos concluíram o ensino médio, pouco conseguiram concluir o ensino fundamental, e grande parte é semianalfabeto, como se pode observar no gráfico 3.

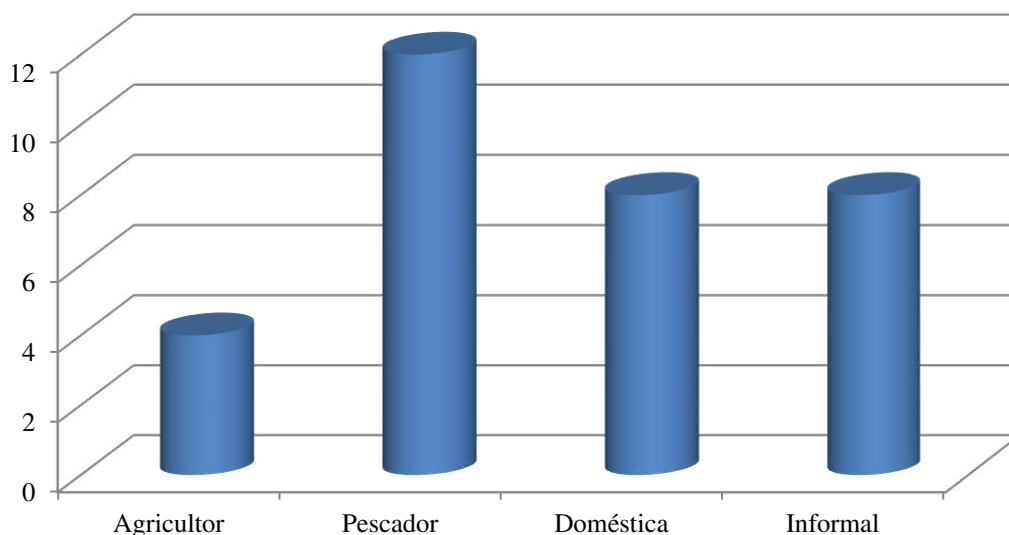


Gráfico 2 - Perfil econômico das famílias

Fonte: Própria

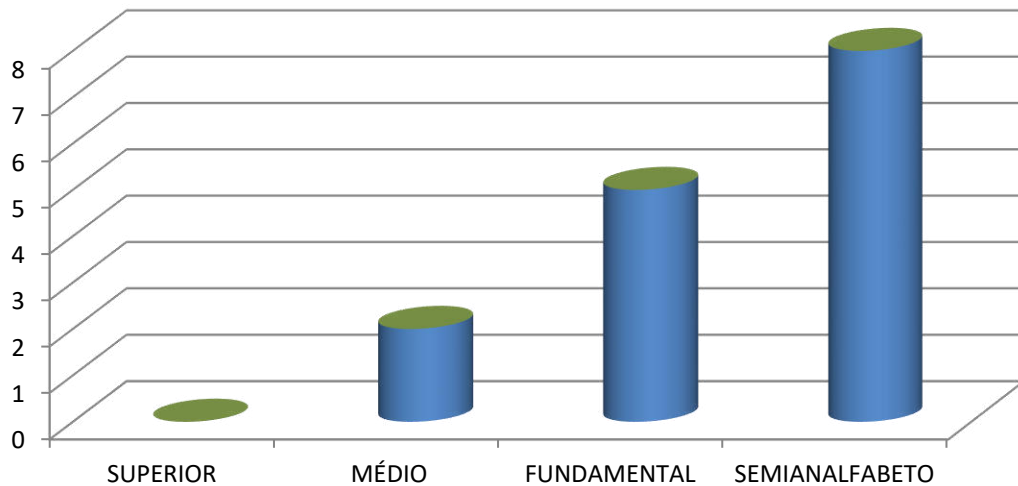


Gráfico 3 - Habilitação educacional dos pais
Fonte: Própria

1.4 Perfil Pedagógico

Durante os dias de trabalho nesta escola, pude perceber que um grupo de cinco alunos apresentavam características de indisciplina, pois queriam ficar fora de sala durante as aulas para brincar ou ouvir música no celular, causando um transtorno em sala por quererem conversar e atrapalharem a atenção dos demais. No entanto, pude perceber que eles precisavam de algo que os desafiasse. Por isso, pensei em abordar o assunto sobre potência, na aula de matemática, a partir do jogo de xadrez. Conforme previa, eles ficaram atentos e envolvidos.

Nas demais aulas, eu utilizei *data show* com vídeos e *slides* ricos em imagens para mexer com a capacidade sensorial de cada um. Desta forma, consegui desenvolver meu estágio com tranquilidade, pois os alunos se envolveram com os temas trabalhados, questionando, registrando e acrescentando informações.

2 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Nesta etapa da prática de ensino supervisionada, fui orientada durante quase um mês, nos turnos vespertino e noturno, pelos professores orientadores Dulcina Almeida e Sérgio Mendes, que me acompanharam durante a ministração das aulas para o ensino fundamental 1 EJA – Anos iniciais e fundamental 2 – anos finais.

O ensino fundamental 1 regular, inicia-se no 1º ano com alunos de 7 anos. Porém eu trabalhei com o ensino fundamental 1 EJA, que funciona no período noturno, para pessoas a partir de 15 anos, adultos e idosos, que estejam com defasagem de idade e série, por causa de repetência ou evasão escolar. Na EJA, trabalhei com esta turma que era a única de séries iniciais. Precisei ministrar aulas de cinco disciplinas: Geografia, História, Ciências, Matemática e Língua Portuguesa. Esta última disciplina também foi inserida porque minha graduação em Letras não me habilita a trabalhar nesta etapa do fundamental, somente a partir do ensino fundamental 2, com alunos de 11 anos até o ensino médio.

2.1 Ensino Fundamental – Anos Iniciais

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior). A educação brasileira é dividida em dois níveis: a educação básica e o ensino superior.

A primeira etapa da educação básica é formada pelo ensino fundamental séries iniciais, que compreende alunos de faixa etária entre 6 a 10 anos. Esta etapa da prática de ensino ocorreu na Escola Augusto Mochel, localizada no bairro Maracanã, onde ministrei aulas de Geografia, História, Ciências, Matemática e Língua Portuguesa.

Geografia

No primeiro dia de aula, eu me apresentei aos alunos e expliquei o porquê de estar ali durante alguns dias ministrando aulas para eles. Era uma turma da EJA, no período noturno, formada por alunos adolescentes, adultos e até alguns idosos. A aula foi iniciada com a exposição do mapa do Brasil. Perguntei à turma se eles lembravam das regiões brasileiras e se sabiam em qual delas eles moravam. Poucos souberam dizer com segurança. Pedi ainda que apontassem o nosso estado, mas alguns não conseguiram identificar com exatidão.

Para motivá-los, fiz uma dinâmica que funcionou assim: Eu dizia uma característica e eles deveriam dizer o nome do estado e a região. A partir desta interação, os alunos ficaram mais motivados, mesmo não tendo muita certeza quanto à região, arriscavam dizer o local.

Ao final, distribui uma atividade com mapa para ser realizada em dupla. Eles deveriam identificar cada região por cor ou símbolos diferentes (cf. Anexo 1).

História

Iniciei a aula perguntando a descendência de cada um. Eles acharam estranho. Até que eu expliquei que em nossa aula falaríamos da formação do povo brasileiro, que se deu pela mistura de três raças: índio, branco e negro.

Falei dos donos da terra, os índios, que eram donos de tudo e hoje lutam pelas suas reservas, constantemente ameaçadas por grandes latifundiários. Em seguida, falei do povo africano, os negros sequestrados de seus reinos e famílias. Por fim, o colonizador europeu que tomou posse da terra, explorou e também ajudou a miscigenar a raça brasileira.

Alguns alunos se manifestaram argumentando que no Brasil não deveria haver preconceito racial, pois todos têm sangue das três raças.

Expus meus *slides* (cf. Anexo 2) mostrando destaques da raça negra no Brasil, em especial, visto que é muito sofrida no país. Para concluir, pedi que montassem cartazes para fazermos uma exposição.

Ciências

Os alunos já estavam mais acostumados com a minha presença e, então, os avisei que trabalharíamos com a disciplina de ciências, com o assunto: lixo.

Comentei que a sala estava um pouco suja e cheia de papel no chão. Perguntei se aquilo era lixo. Eles responderam que sim. Então pedi o significado de lixo. E disseram que era tudo que jogávamos fora e que não serve mais.

Comecei a explicar que existem vários tipos de lixo: orgânico, hospitalar, reciclável e tóxico. Fi-los perceber que as toneladas de dejetos descartados cotidianamente, na verdade, podem ser aproveitados para diversos fins. Por exemplo: do lixo orgânico pode-se fazer adubo; o óleo de fritura pode ser transformado em sabão até em casa. Do lixo reciclável, o plástico pode ser reutilizado para depósito, hortas artesanais, etc, ou ser transformado na indústria; o papel também pode ser transformado na indústria. Já os lixos tóxicos e hospitalares não devem ser tocados, por causa do alto índice de contaminação.

Para ilustrar mostrei imagens e pessoas trabalhando com reaproveitamento de vasilhas em plástico e pneus (cf. Anexo 3).

Português

No primeiro dia de aula, tivemos dois horários, cem minutos, e trabalhamos a produção textual a partir de uma lenda maranhense: “O auto do Bumba-meu-boi” (cf. Anexo 4).

Perguntei se alguém conhecia a lenda e como no bairro do Maracanã há um dos Bumba-meu-boi mais tradicionais da ilha de São Luís, todos disseram que conheciam. Pedi que alguém a contasse, e pude notar o envolvimento deles com a própria cultura. As expressões faciais e a oralidade traduziam a paixão deles por esta brincadeira. Após esse momento, propus a leitura coletiva da lenda que foi distribuída por dupla. Ao final da leitura, pedi que cada um recontasse a lenda à sua maneira. Através das produções, pude avaliar o conhecimento das normas gramaticais, que apresentam moderada a severa deficiência. No entanto, se comunicam e são compreendidos.

Matemática

Comecei a aula contando uma história envolvendo uma situação no supermercado, quando estava calculando se o meu dinheiro dava para levar o que eu precisava.

Fi-los refletir sobre o problema exposto e pedi-lhes a solução. A resposta veio mais rápido do que imaginei, pela minoria da turma. Como eu percebi a dificuldade de raciocínio dos demais, resolvi anotar no quadro e solucionei o problema. Só então revelei que estudaríamos as quatro operações matemáticas (cf. Anexo 5). Depois tornei a propor outro problema com, operações diferentes. Para solucioná-lo, dividi a turma em quatro grupos e distribuí uma folha com problemas semelhantes aos explicados. Eles ficaram bem concentrados.

2.2 Ensino Fundamental – Anos Finais

A segunda etapa da educação básica é chamada de ensino fundamental séries finais, que compreende alunos de faixa etária entre 11 a 14 anos. Esta etapa da prática de ensino também ocorreu na Escola Augusto Mochel, localizada no bairro Maracanã, onde ministrei aulas em turma regular, no período vespertino, somente para a turma 72, uma turma formada por 35 alunos de 12 anos. As disciplinas trabalhadas foram Geografia, História, Ciências e Matemática, exceto Língua Portuguesa que não precisei ministrar por causa da minha prática docente nesta área há 13 anos, nas redes pública e privada de ensino.

Geografia

No dia dois de setembro de dois mil e quinze, iniciei meu estágio supervisionado na Escola Major Augusto Mochel, no Bairro do Maracanã. A primeira aula ministrada foi de geografia sobre o assunto biomas brasileiros.

Nesta primeira aula, comecei a sondá-los a partir da vegetação local do Maracanã, bairro onde eles moram que se situa na área rural da cidade de São Luís. Aqui, a vegetação predominante é a juçareira, árvore que dá um fruto roxo (cf. Imagem 10) do qual se extrai um suco espesso que é rico em ferro e vitaminas. Questionei-os sobre o vegetal ou a árvore que predominava em todo o Maracanã. Eles foram unânimes na resposta: Juçara. Um fruto arroxeadado que fornece um caldo espesso e costuma ser saboreado, no Maranhão, com farinha e camarão. Em outras partes do Brasil, ela recebe o nome de açaí, de onde também se faz sorvete e é consumido com outros acompanhamentos.



Figura 4 - Juçara

Fonte: <http://www.aosfilhosdaterra.com/single-post/2015/04/18/Lenda-do-a%C3%A7ai>, consultado em 15 de maio de 2017.

Em seguida, perguntei sobre o vegetal que predominava na costa maranhense, onde vivem seres como o caranguejo e sururu, saboroso marisco. Graças a estas indicações, grande parte da turma foi capaz de responder corretamente.

A partir desta troca de informações verbais, expliquei que estas vegetações típicas de cada local chamam-se biomas. Registrei o tema e o conceito no quadro para que todos anotassem.

Entretanto, preparei o *data show* e iniciei um vídeo sobre os biomas brasileiros (cf. Anexo 6). A cada relato, o vídeo era parado para eu questionar os alunos e registrar as principais informações no quadro e fazer referências. Desta maneira, procedi até ao final do horário. Em algumas destas paradas, um ou outro aluno fazia questionamentos ou apresentava uma informação.

Através destes questionamentos, pude perceber que o conteúdo teve relevância para eles e também que os mesmos aprenderam.

Na aula seguinte, 03/09, tivemos um tempo maior. Preparei o *data show* para continuarmos o vídeo sobre os biomas brasileiros. O vídeo garantiu a mesma didática da aula anterior, pois ao iniciar a aula, retomei os pontos relevantes.

Desta vez, os alunos perguntaram bem mais, pois o bioma da Amazônia chamou-lhes muito a atenção, assim como a Caatinga. Este último predomina na área mais seca da região nordeste, e conta com a presença de uma planta denominada Xique-Xique, que acumula água no seu interior e que, por isso, a mantém verde ao longo do ano. Esta característica despertou a curiosidade dos alunos.

Respondi às perguntas de forma clara e direta, contextualizando-as ao meio em que eles vivem.

Posteriormente ao registro e ao diálogo com os alunos, foi realizada uma atividade de fixação no caderno. Esta atividade foi um relato individual onde eles registraram com detalhe o que foi trabalhado em sala.

História

No dia 02/09, ministrei a minha primeira aula de história na turma 72, alunos do sétimo ano. O assunto indicado pela professora da turma foi o Feudalismo. A aula foi preparada para dois horários, cem minutos.

Ao chegar, cumprimentei os alunos e informei que trabalharíamos naquele momento com a disciplina de história. Organizei o *data show* e expus uma imagem que exibia um castelo e outras características típicas da idade média (cf. Anexo 7). Pedi que os alunos detalhassem a referida imagem. As respostas foram: castelos, pessoas lutando, ambiente rural.

Após as respostas, perguntei se na atualidade e no local onde moravam era comum ver todas aquelas coisas. A partir deste momento, alguns se manifestaram fazendo comparações com a atualidade, a partir da própria vida e de novelas e filmes.

A partir desta sondagem, iniciei uma problematização mais aprofundada entre idade média e atualidade. Deixei-os falar, interfeiri e comecei a explicar o contexto histórico da época.

À proporção que eu avançava os *slides* e explicava, percebi a turma bem interessada em anotar as informações dos *slides* e do quadro. Isto me fez perceber que havia conseguido prendê-los à aula.

Lévy (1993) salienta a importância da utilização da multimídia na educação. O autor reforça que todo conhecimento é mais facilmente apreendido e retido quando a pessoa se envolve mais ativamente no processo de aquisição de conhecimento.

Veza por outra, um ou outro dizia que este período era bem diferente, e queriam saber se realmente existiu.

Anotei no quadro o tema da aula, o conceito de feudalismo e, simultaneamente aos *slides*, explicava e registrava no quadro. Esta dinâmica se deu até ao final do horário.

No dia 03/09, dei continuidade à aula sobre feudalismo, seguindo a dinâmica de anotação e explicação. Como o horário era mais breve, apliquei uma atividade e dei-lhes vinte minutos para respondê-la.

A aplicação da atividade, deu-se para sondar os alunos acerca da aquisição do assunto trabalhado. Constava de quatro questões mistas, objetivas e discursivas, que foram respondidas individualmente após leitura coletiva de cada questão.

Ciências

Nos dias 03 e 04/09, ministrei minha primeira aula de ciências para a turma, sobre o tema: sistema solar, abordando os planetas e a possibilidade de vida inteligente fora da Terra.

Para iniciar, anotei o tema da aula no quadro e perguntei-lhes se acreditavam em extraterrestres. Eles ficaram logo eufóricos e as opiniões foram bem divergentes. Após esta discussão, exibi um vídeo sobre o sistema solar, onde cada planeta se apresentava falando de suas características (cf. Anexo 8). A dinâmica se deu com intervenções a cada fala dos planetas para que surgissem questionamentos, fizessem anotações e comparações.

Ao final do conteúdo, a fim de sondá-los, pedi que cada um redigisse uma história, abordando o conteúdo trabalhado e para que, ao final, alguns lessem para os colegas. Foi um momento envolvente e descontraído.

Matemática

No dia 02/09, ministrei a primeira aula de matemática. O tema indicado pelo professor foi potência.

Para introduzir o conteúdo a abordar, questionei-os se sabiam jogar dama, xadrez ou outro jogo de tabuleiro. Para minha surpresa, muitos alunos sabiam jogar xadrez e dama.

Mostrei-lhes uma imagem no *data show* que representava o tabuleiro de xadrez (cf. Anexo 9). Em seguida, pedi que conferissem junto comigo quantas fileiras tinham na horizontal e na vertical. Foram identificadas oito fileiras em cada direção, horizontal e vertical. O objetivo era fazê-los perceber as possibilidades de multiplicação sobre forma de potência. Perguntei que resultado teria se multiplicasse estas fileiras. A resposta foi imediata: 64. Para concluir o horário, disse-lhes que obteria o mesmo resultado se repetisse o número oito e colocasse o número dois com expoente. Isto é, que oito vezes oito ou oito ao quadrado é 64.

REFLEXÃO FINAL

Os dias que passei na UEB José Augusto Mochel foram proveitosos, visto que ao sair de minha rotina, em sala de aula trabalhando com a língua portuguesa em séries do ensino fundamental séries finais, representou um desafio, a começar pela localidade, distante, na zona rural, que tem outro ambiente, mais bucólico e simples. Outros fatores são a linguagem utilizada pelos alunos e funcionários, que é bem marcada pela oralidade e pela influência de uma cultura mais afastada da cidade, típica de cidades interioranas. Além disso, os costumes e adequações aos horários, pois há trabalhadores do campo, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que chegam mais tarde devido aos horários de trabalho.

Destaco também um processo de ensino / aprendizagem mais moroso, em virtude da alfabetização precária de alunos de turmas regulares e irregulares. A evasão escolar também é frequente, pela dificuldade de conciliar trabalho e escola. O percurso para a escola também é perigoso, favorecendo assaltos.

Outro empecilho é quando o transporte escolar gratuito não chega no horário ou não vai, atrasando o andamento regular das aulas.

Constatai que trabalhar e estudar, na zona rural, é um grande desafio para professores e alunos, sobretudo para estes, por terem de enfrentar intempéries naturais, como chuvas que alagam rios ou córregos próximos à escola, impedindo a passagem dos transeuntes. Animais de montaria que se soltam e causam transtorno ao que está assistindo à aula e tem de sair para prendê-los. Outros fatores são os contratempos de origem antrópica, como manifestações, moradores pedindo melhorias na área, que ocorre na principal estrada de acesso à escola, impedindo a passagem dos professores, que vêm da zona urbana.

O recurso utilizado, *data show*, foi uma novidade para eles, assim como a organização de dinâmicas, pois os professores regentes oficiais encontram-se desmotivados pela força da rotina.

Foi um excelente campo de pesquisa para minha tese, que é voltada para a linguagem dos alunos. Certifiquei-me de que a oralidade é mais forte que as regras da gramática normativa, e que a falta desta não causa prejuízos na comunicação entre eles.

Enfim, foi prazeroso este momento de muita aprendizagem como professora de língua portuguesa.

CAPÍTULO III

Este capítulo foi destinado ao meu maior objetivo que é refletir acerca das “Percepções da língua em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social de São Luís”. Este objetivo se explica a partir da minha percepção como professora de língua portuguesa no cotidiano de sala de aula e do meu convívio social. Isto me motivou a querer saber como os outros professores da minha área e de outras áreas do conhecimento percebiam a linguagem. Assim como se dava a comunicação dos falantes em geral, quais critérios ou regras de linguagem seguiam e se eles tinham alguma consciência linguística quanto ao uso das normas gramaticais. No rol destes falantes incluem-se alunos, vendedores do comércio informal, artistas locais, donas de casa e idosos.

1 CONTEXTO SOCIAL

As relações interpessoais ao longo da vida das pessoas dependem do contexto social no qual elas estão inseridas, pois ninguém fica totalmente alheio às circunstâncias que as envolvem em torno da linguagem, dos costumes, dos fatores econômicos, emocionais e familiares. Essa gama de influências interfere no perfil de cada indivíduo e no seu cotidiano.

1.1 Atenas Brasileira

No século XVIII, a fase de ouro da economia maranhense, São Luís passou a viver uma efervescência cultural e a cidade, que se relacionava mais com as capitais europeias que as outras cidades brasileiras, foi a primeira a receber uma companhia italiana de ópera.

Possuía calçamento e iluminação como poucas do país. Recebia semanalmente as últimas novidades da literatura francesa. As grandes fortunas algodozeiras e os comerciais locais enviavam seus filhos para estudar em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e, principalmente, Europa.

É nessa fase que São Luís passa a ser conhecida por "Atenas Brasileira", denominação que decorre do número de escritores locais que exerceram papel importante nos movimentos literários brasileiros a partir do romantismo. Surgiu, assim, a imagem do Maranhão como o estado que fala o melhor português do país.

No Maranhão, o Romantismo coincidiu com o nosso próprio aparecimento no palco das letras nacionais, de maneira espetacular e deslumbrante. Lusófilo à força se assim se pode dizer, pela preponderância do elemento reinol no meio, com a retardada adesão da província à independência da nacionalidade, o movimento de reação literário, como que comprimido,

arrebentou da maneira por que a sabemos, chamando a atenção de todo o país, e da própria ex-metrópole, para êste recanto do Brasil onde se manifestaram, a um só tempo, tantos e tão assinalados engenhos, eu se lhes comparou o berço privilegiado à capital da velha Grécia, chamando-a de Atenas Brasileira (Meireles, 1955: 63-64)

Na verdade, São Luís carrega este título do qual não há registro oficial. Apenas deve ter surgido por causa de alguns fatores como a estreita ligação com Portugal no século XVIII, devido à divisão das terras brasileiras em Estado do Brasil e Estado do Maranhão, também pela facilidade de acesso, pois a viagem demorava pouco tempo de um lugar para outro, ou seja, da metrópole para o Maranhão. Por causa disso, os costumes da época, a arquitetura e o paisagismo se assemelham a Portugal.

1.2 Sotero dos Reis – A primeira gramática do Brasil

Francisco Sotero dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão, a 22 de abril de 1800 e faleceu em 10 de março de 1871, filho legítimo de Baltazar José dos Reis e Maria Teresa Cordeiro. Toda sua vida foi dedicada às funções de jornalista e professor. Foi uma das maiores figuras do Grupo Maranhense, apontado como o Mestre dos mestres, por causa de seu elevado saber sobre a arte de escrever.

Neste período o referido Grupo Maranhense era formado por escritores e poetas de notório saber intelectual com destaque para Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, Odorico Mendes e João Francisco Lisboa. Mas existiam outros poetas.

Parlamentar, publicista, professor e poeta, Sotero dos Reis desempenhou funções de Deputado da Província do Maranhão por mais de uma vez. Fundou “O Maranhense”, foi professor de Latim, bibliotecário do Instituto de Humanidades e o primeiro diretor do Liceu Maranhense. Ocupou a cadeira de sócio correspondente de nº 19 da Academia Brasileira de Letras e a nº 17 da Academia Maranhense de Letras. Dentre as obras de Sotero dos Reis, há:

- *Postilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa pela análise dos clássicos* (1862)
- *Gramática portuguesa* (1866)
- *Tradução de Comentários sobre a Guerra Gálica de Júlio César* (1863)
- *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866 – 1868)

Foi comendador da Ordem da Rosa, de cunho militar e civil, instituída por D. Pedro I, que comprovava fidelidade ao Imperador e também da Ordem de Cristo, uma ordem de cunho religioso.

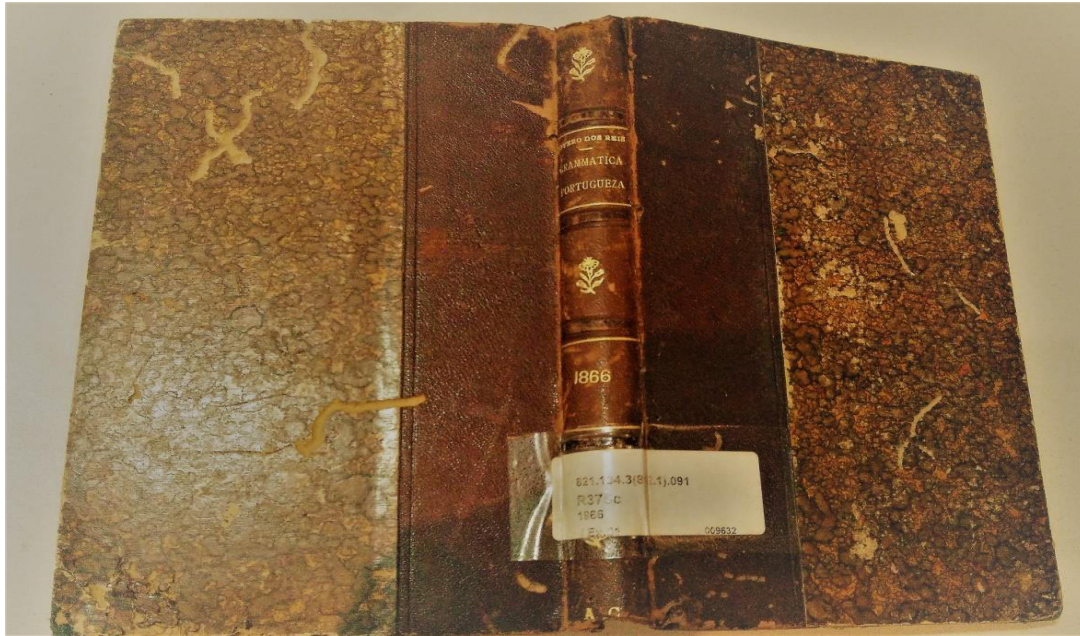


Figura 5 - Primeira Gramática do Brasil (Capa)
Fonte: Própria

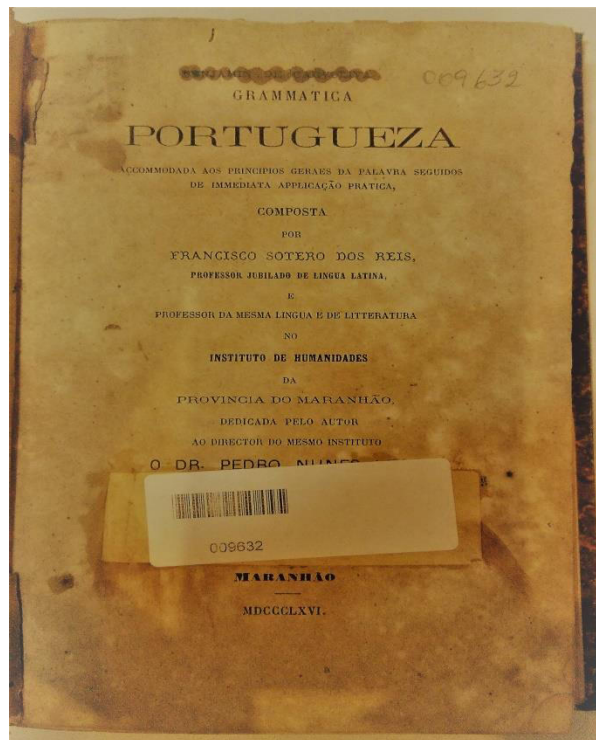


Figura 6 - Primeira Gramática do Brasil (Contracapa)
Fonte: Própria

A primeira gramática da língua portuguesa foi publicada no Brasil, no século XIX, de autoria do maranhense Sotero dos Reis. Isto ocorreu devido à estreita relação que São Luís tinha com a metrópole, devido à facilidade de acesso ser mais viável do que com outras capitanias no

Brasil, conforme foi explicado no item anterior. Este contato frequente possibilitou um intercâmbio cultural que muito favoreceu a sociedade ludovicense, que foi fortemente influenciada pela paisagem, pelos costumes, cultura, culinária, vocabulário e o cotidiano europeu, principalmente o português. Este cenário corrobora para que surgissem escritores, poetas e profissionais do mais alto nível, elevando São Luís à categoria de Atenas Brasileira, lugar onde se falava o português mais correto. Nesta época, havia um conceito clássico de gramática: “a arte de falar e escrever corretamente”. Em outras palavras, só falava e escrevia bem quem seguisse o padrão imposto pela gramática normativa, o chamado nível ou padrão formal culto.

Em todos os lugares, a comunidade linguística local tem seu idioleto, fruto da sua formação histórica e da transição de geração em geração. O idioleto do povo maranhense, principalmente os ludovicenses, está fortemente ligado aos povos colonizadores e a sua cultura que contagia até aqueles que vieram morar na ilha. A cidade transpira cultura desde o século XIX, quando os grandes poetas e escritores tornaram-se conhecidos pelo seu elevado nível intelectual.

Esta característica cultural desperta nas pessoas um sentimento de pertencimento que sustenta, até hoje, o mito de que aqui se fala o melhor português do Brasil. Será mesmo?

Em cada lugar, o povo defenderá a mesma tese, afinal o melhor lugar, e tudo que há de perfeito e bonito, é sempre o nosso.

1.3 A linguagem popular maranhense - Mapa linguístico do Maranhão

O Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA) é um projeto desenvolvido por um grupo de pesquisadores, professores e alunos, em sua maioria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que se compromete a fazer a descrição dos falares maranhense, desde 2005, data da primeira publicação, até 2010 quando foi publicada a terceira e mais recente edição.

Este projeto se tornou possível através do apoio da UFMA, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e a Escola Crescimento, da rede particular da cidade de São Luís, que há quase uma década está entre as três melhores escolas do estado, segundo classificação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

1.3.1 A cultura popular e sua influência na linguagem do povo ludovicense

A capital do Maranhão é uma cidade de enorme riqueza cultural e arquitetônica. Todo este acervo físico concedeu-lhe há vinte anos, desde seis de dezembro de mil novecentos e noventa e sete, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, pela herança deixada, principalmente, pelo colonizador português.

A riqueza cultural nada deixa a desejar, visto que é marcada pela influência dos povos, africanos, indígenas e europeus (franceses, portugueses e holandeses), percebida na música, na literatura e na arte em geral. Todas estas manifestações culturais têm um forte traço da oralidade particular desta gente que sofre alterações de geração em geração por força da dinamicidade da língua.

Esta oralidade cria uma identidade do universo cultural que gira em torno da grande ilha e em tudo que se produz por lá, com destaque para a música, teatro, cinema e literatura.

Todo povo tem suas marcas de oralidade, fruto da sua origem e da influência de outros povos e culturas. Em São Luís, percebe-se que o repertório linguístico dos falantes se estende da capital até à parte centro norte do estado.

Na música, facilmente se percebe a peculiaridade do falar deste povo que, a exemplo de séculos passados, traz na veia a inspiração artística e a paixão por cantar, saudar e enaltecer sua terra. Destacam-se João do Vale, homem negro e pobre, de uma sabedoria popular e sensibilidade profunda, que compôs para grandes nomes da música popular brasileira. De tantas composições, “Peba na pimenta”, retrata muito da linguagem do povo pobre da capital e de grande parte da zona centro-norte do estado. Alcione, a Marrom, é igualmente conhecida e aclamada nacional e internacionalmente por sua voz e competência. Esta ludovicense do Bairro da Madre Deus, berço da cultura popular da capital, também cantou sua terra na canção “Todos cantam sua terra”. Zeca Baleiro, cantor e compositor de reconhecimento nacional, também fez seu louvor à terrinha, na composição “Pedra de resposta”, assim como o poeta Humberto de Maracanã, do Bumba-meu-boi de Maracanã, com suas belíssimas toadas.

Na linguagem, a herança também é marcante, porque os açorianos, que vieram para povoar o estado, se espalharam do interior para a capital e por onde passaram deixaram suas marcas lexicais, fato que ocorreu em outros estados do país como Santa Catarina e Pará. Percebe-se estas marcas no emprego frequente do pronome oblíquo tônico “TI”, isto se deve por causa do povoamento que ocorreu em terras maranhense, do litoral ocidental para a capital (veja-se o destaque na toada do Bumba-meu-boi de Maracanã).

No linguajar deste povo é bem comum também o apagamento da letra final (R) ou (L). Segundo Aragão (1999), este fenômeno ocorre por influência africana (verificar na letra da

música Peba na pimenta, a palavra “cumê / ardê”). Além deste, há a dupla negação, que segundo Careno (1997) é de origem africana. No nome “Malaquias”, o “S” final foi suprimido como forma de menor esforço ou vício de linguagem. Outro fenômeno é a aglutinação da expressão “dez réis só” para “derres...é ...só”, que significa o valor de dez réis, moeda antiga do período do império, do pirulito caseiro, que os antigos pregoeiros ou vendedores ambulantes passavam anunciando pelas ruas, e que pela ação da agilidade na comunicação e do tempo o mesmo pirulito ficou conhecido por “derres ...é ... só”. Outro fenômeno encontrado nesta letra é a palavra “belezinha”, que representa afetividade, marca bem a influência africana da linguagem.

Os neologismos em torno do cotidiano também colaboram para a o léxico desta ilha de mais de um milhão de falantes. Com a chegada do *reggae* ao Maranhão nos anos oitenta do século XX, desde então foi criado um vocabulário próprio e a cada época é implementado com vocábulos relacionados a este ritmo contagiante de raízes africanas. Por este motivo, percebe-se na letra da música “pedra de resposta”, uma espécie de elogio a um *reggae* muito bom, agradável.

*“Seu Malaquia preparou
Cinco peba na pimenta
Só do povo de Campinas
Seu Malaquia convidou mais de quarenta
Entre todos os convidados
Pra comer peba foi também Maria Benta
Benta foi logo dizendo
Se ardê, num quero não
Seu Malaquia então lhe disse
Pode comê sem susto
Pimentão não arde não
Benta começou a cumê
A pimenta era da braba
Danou-se a ardê
Ela chorava, se maldizia
Se eu soubesse, desse peba não comia
Ai, ai, ai seu Malaquia
Ai, ai, você disse que não ardia
Ai, ai, tá ardendo pra daná
Ai, ai, tá me dando uma agonia
Ai, ai, que tá bom eu sei que tá*

*Ai, ai, mas tá fazendo uma arrelia
Depois houve arrasta-pé
O forró tava esquentando
O sanfoneiro então me disse
Tem gente aí que tá dançando soluçando
Procurei pra ver quem era
Pois não era Benta
Que inda estava reclamando?”*

Peba na Pimenta (João do Vale)

*“Todo mundo canta sua terra
Eu também vou cantar a minha
Modéstia à parte seu moço
Minha terra é uma belezinha*

*A praia de olho d'água
Lençóis e Araçagi
Praias bonitas assim
Eu juro que nunca vi*

*Minha terra tem beleza
Que em versos não sei dizer
Mesmo porque não tem graça
Só se vendo pode crer*

*Acho bonito até
O jornaleiro a gritar imparcial
Diário
Olha o Globo
Jornal do povo descobriu outro roubo
E os meninos que vendem derrê sol a cantar
Derrê sol derrê ê ê ê ê sol (BIS)
E fruta lá tem: juçara
Abricó e buriti
Tem tanja, mangaba e manga*

*E a gostosa sapoti
E o caboclo da maioba
Vendendo bacuri
Tinha tanta coisa pra falar
Quando estava fazendo esse baião
Que quase me esqueço de dizer
Que essa terra tão linda é o Maranhão
Ô Maranhão, ô Maranhão.
Todos cantam sua terra (Alcione)*

*“É pedra é pedra é pedra
é pedra de resposta
mamãe eu volto pra ilha
nem que seja montado na onça*

*quando fui na ilha maravilha
fui tratado como um paxá
me deram arroz de cuxá água gelada da bilha
cozido de jurará alavantu na quadrilha*

*me levaram no boi-bumbá pra dançar eu dancei
me deram catuaba pra provar aprovei
me deram um cigarrim pra fumar
menino como eu gostei*

*mamãe eu quero sucesso dinheiro mulheres champanhe
mamãe teu filho merece Vera Fischer very money
mamãe eu quero sucesso dinheiro mulheres champanhe
mamãe teu filho merece Demi moore more Money”.*

Pedra de resposta – Zeca Baleiro

*“Maranhão, meu tesouro, meu torrão
Fiz esta toada, pra ti Maranhão
Maranhão, meu tesouro, meu torrão
Eu fiz esta toada, pra ti Maranhão*

*Terra do babaçu
Que a natureza cultiva
Esta palmeira nativa
É que me dá inspiração*

*Na praia dos lençóis
Tem um touro encantado
E o reinado
Do rei Sebastião
Sereia canta na proa
Na mata o guriatã
Terra da pirunga doce
E tem a gostosa pitombotã
E todo ano, a grande festa da Jussara
No mês de Outubro no Maracanã*

*No mês de Junho tem o bumba-meu-boi
Que é festejado em louvor à São João
O amo canta e balança o maracá
A matraca e pandeiro
É quem faz tremer o chão*

*Esta herança foi deixada por nossos avós
Hoje cultivada por nós
Pra compôr tua história, Maranhão”*

Maranhão meu tesouro meu torrão - Humberto Maracanã

Especificamente em São Luís, na literatura popular, há a lenda do Rei Dom Sebastião, uma das lendas maranhenses mais conhecidas e mais cantadas pelos músicos “cantadores” de

Bumba-meu-boi. Ela mistura um fato histórico de Portugal a uma ficção relacionada, a encantada Ilha dos Lençóis.

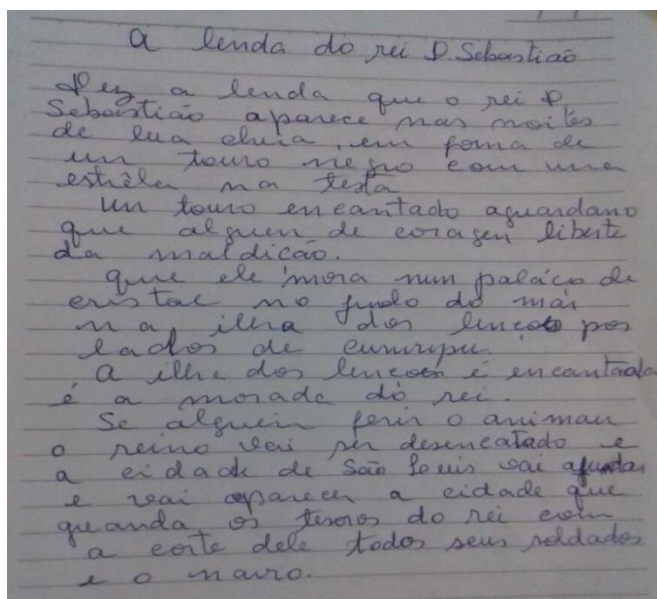
Mas o porquê desta ligação? Certamente deve-se também à ligação econômica e cultural dos séculos passados.

Conta-se que o jovem corajoso e inexperiente Rei Dom Sebastião partiu para uma batalha em Alcácer Quibir, e teria sido derrotado e morto. Mas para não denegrir a imagem de Sua Majestade, diz-se pela ilha até os dias de hoje, que ele se encantou na Ilha dos Lençóis, e esta encoberto, camuflado, em forma de um touro negro muito grande e bonito, que traz na testa uma estrela, a qual deve ser atingida por alguém bem corajoso, para que seja desencantado o tesouro cujo rei esconde no mar, para garantir o seu retorno e a posse das terras de além-mar e de Portugal. Se isso ocorrer, a ilha de São Luís submergirá para sempre.

No período dos festejos juninos, que ocorre no mês de junho, os cantores maranhenses e os cantadores de Bumba-meu-boi recontam esta história, cada um com seu repertório linguístico, e emocionam os espectadores.

*“na praia dos lençóis
Tem um touro encantado
E o reinado do Rei Sebastião”*

As novas gerações também recontam esta lenda com seu vocabulário próprio, utilizado em sua comunidade linguística.



Fotografia 6 - A lenda do Rei Sebastião
Fonte: Própria

A autora do texto, uma dona de casa que foi inquerida durante a pesquisa, revela um moderado grau de conhecimento gramatical, pois percebem-se alguns deslizes na pontuação, na acentuação e, principalmente, na escrita de algumas palavras, por exemplo “*aguardano*”, onde houve a perda da letra “d”. Esta prática é muito recorrente em situações cotidianas, e revela um relaxamento na oralidade. Outro fenômeno observado foi a monotongação nas palavras “*palaço*” e “*tesoro*”, que deixam de ter um ditongo.

No que tange o aspecto cultural, a riqueza de detalhes revela um pertencimento ao meio em que vive e sua intimidade com esta cultura. Sendo assim, pode-se afirmar que, no campo das variações linguísticas, este texto se encaixa em dois tipos: diafásicas e diastráticas. Isto se explica pela descontração, pela falta de zelo pela grafia gramaticalmente correta, também pelo envolvimento com as manifestações culturais, em especial, o Bumba-meu-boi.

São Luís tem um dos mais antigos e luxuosos teatros do Brasil, que carrega o nome de um ilustre filho, Artur Azevedo. No entanto, este meio cultural não é tão explorado como em outras capitais do sudeste do país. Porém, há cinco anos, uma companhia chamada Santa Ignorância, tem divertido a plateia da capital e de outros estados, e até de Portugal, explorando a linguagem e as diferenças socioculturais entre duas velhas amigas do tempo de escola. O repertório linguístico do povo ludovicense tem arrancado risadas das mais diferentes plateias ao longo destes anos, apesar de a cada temporada os atores renovarem o enredo. As palavras e os sons guturais como o “hen hen”, “mentira, pequena” entre outros, fez o próprio ludovicense enxergar como ele articula as palavras no cotidiano, segundo afirmou César Boaes, ator e autor do texto ao ser entrevistado. Veja o trecho da entrevista a seguir.

Eu criei um personagem que representa a classe média, uma emergente, que é a Clarisse, e o Adeílson criou a Dijé, um personagem que tem um perfil bem misto, pois representa a área rural, a periferia e o bairro onde ele mora que é a Madre Deus, bairro cultural, que tem personalidades culturais. Para compor um personagem você busca a expressão corporal e a linguagem... o maranhense articula as palavras muito rápido (César Boaes em 13/03/17)



Fotografia 7 - Elenco da Cia Santa Ignorância

Fonte: <http://www.blogsoestado.com/otonlima/category/cultura/page/10/>, consultado em 15 de maio de 2017.



Fotografia 8 - Elenco caracterizado

Fonte: Própria

Clarisse (loura) – Ah, minha irmã eu tenho muito abuso de lavar louça.

Dejé (Negra) – Ah, eu gosto de ariar minhas panelas, bem ariadinha.

Dejé – Me dá tanto nojo de beber água num copo com pitiu de peixe, me dá logo vontade de baldiar.

Clarisse – Credo Dejé.

Dejé – Minha irmã, minha filha é só preguiça. Só quer saber de andar com as pariceiras dela. Num lava nem a roupa que veste, as calcinhas ficam tudo encardida, cheia de cieiro.

Trecho de um episódio da peça Tá bom, Xêrosa

Vocabulário:

Ariar – Lustrar, fazer brilhar

Ariadinha – Brilhando

Pitiu – Mau cheiro

Baldiar – Vomitar

Pariceira – Parceira, amiga

Cieiro – grude, sujeira

A experiência do maranhense com a "7ª Arte", em especial o habitante de São Luís, ocorreu muito precocemente. No final do séc. XIX e início do séc. XX, o cinema em São Luís começou com o que os especialistas chamam de Ciclo do Cinema Ambulante, na qual os aparatos para a projeção eram inúmeros, de origens europeias.

Entre as produções maranhenses mais conhecidas está o consagrado Festival Guarnicê de Cinema, um dos mais antigos do Brasil, que ajuda a difundir e massificar cada vez mais esta cultura entre os mais diversos meios socioculturais da cidade.

No ano de 2008, surgiu *Ai que vida!*, um filme de drama e comédia brasileira lançado no Maranhão, dirigido pelo jornalista e cineasta maranhense Cícero Filho. As filmagens foram feitas nas cidades de Amarante e Teresina, no Piauí; Poção de Pedras, Esperantinópolis, Timon e S. Francisco do Maranhão, no Maranhão. Os atores e os técnicos foram pessoas das próprias comunidades. É uma produção bem amadora que se tornou conhecida na *internet*. O enredo gira em torno de política e comportamentos, com um destaque bem enfático para a oralidade das pessoas, que traduz bem o falar do maranhense.

Em meados dos anos de 1990, a fictícia cidade de Poço Fundo, no interior do nordeste, está vivendo um verdadeiro caos em sua administração pública. O Prefeito Zé Leitão é um corrupto de mão cheia, capaz de tudo pelo dinheiro.

A microempresária Cleonice da Cruz Piedade se revolta com os absurdos administrativos de seus governantes, e decide “acordar” o povo sobre a real situação da cidade. Ela luta pelos direitos do povo e consegue arrastar multidões para ouvir seus discursos, tornando-se assim querida por toda a população.

O filme tornou-se conhecido no estado, mas foi muito criticado por exagerar em algumas expressões que não pertencem somente ao léxico maranhense. Desconsiderando a crítica, o curta metragem serviu para parte da população perceber as peculiaridades do próprio falar.

“Quando é que tu vai deixar disso, rapaiz?!”

“Sentimento é coisa de qualira!”

“Eu estou cheia de conta pra pagá e o apurado num vai dá pra nada!”

“Olha, quando o pessoal quer adiri prum lado, nem dinheiro compra!”

Vocabulário

Rapaz – Vocativo masculino ou feminino

Qualira – Homossexual

Apurado – Ganho financeiro, lucro

Adiri (aderir) – Juntar, ligar

2 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DE SÃO LUÍS – IDH

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realiza o censo demográfico a cada dez anos. Mas para que os dados relacionados ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) sejam mais fidedignos, foi criado o Radar IDHM, que é realizado anualmente.

De acordo com as pesquisas desse Atlas do desenvolvimento, São Luís vem crescendo no *ranking*, nos últimos anos. A escala que mede este índice varia de 0 a 1. Os itens analisados são três: longevidade, educação e renda.

Em 2011 o índice maranhense era 0,649, em 2012 passou para 0,650. Em 2013 chegou a 0,665 e, por fim, em 2014 subiu para 0,678, se igualando ao estado do Piauí e superando o estado de Alagoas. Seguidamente, são apresentadas várias figuras (da 7 à 10) que ajudam a enquadrar São Luís.

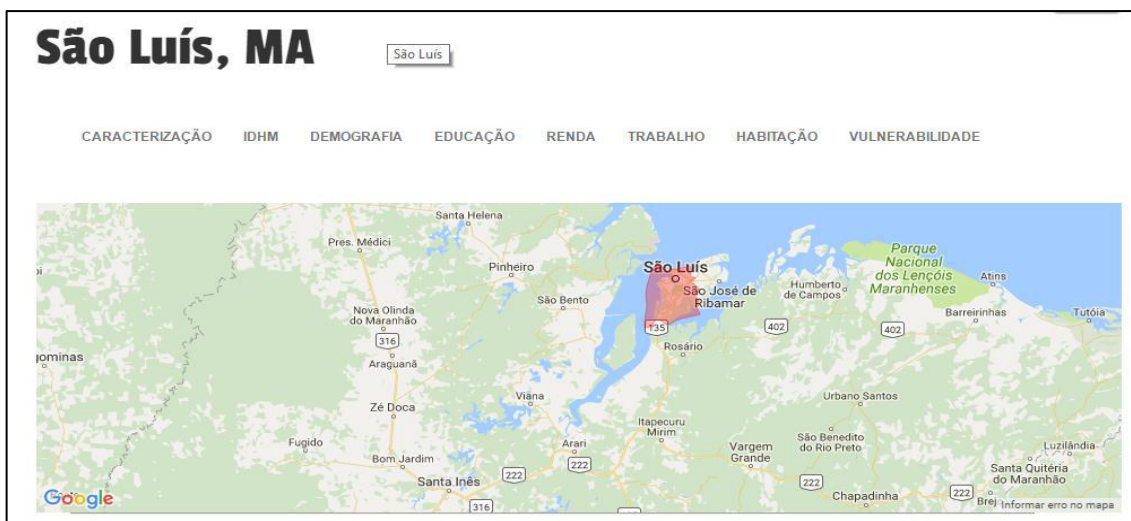


Figura 7 - Mapa de São Luís-MA

Fonte: IBGE (<http://www.atlasbrasil.org.br>, consultado em 15 de maio de 2017)



Figura 8 - Caracterização do território

Fonte: IBGE (<http://www.atlasbrasil.org.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

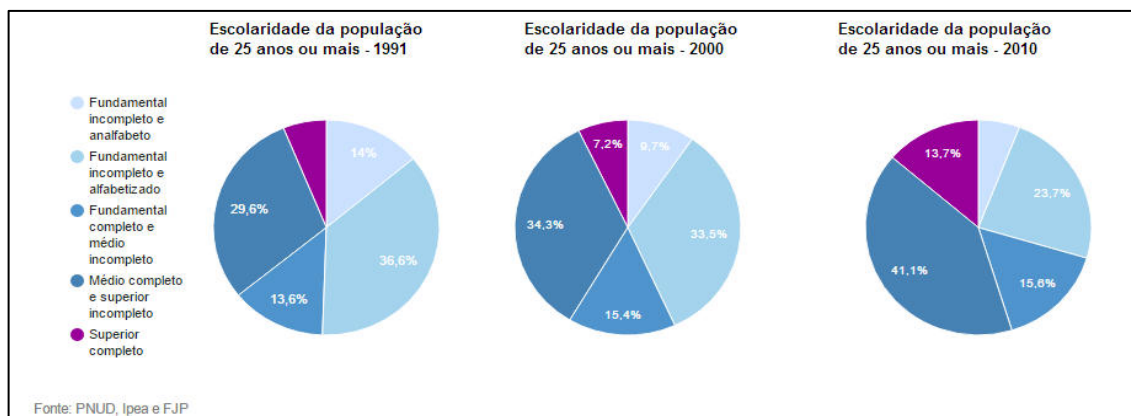


Figura 9 - Escolaridade da população

Fonte: IBGE (<http://www.atlasbrasil.org.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

Vulnerabilidade social

Vulnerabilidade Social - Município - São Luís - MA

Crianças e Jovens	1991	2000	2010
Mortalidade infantil	49,31	27,44	18,10
% de crianças de 0 a 5 anos fora da escola	-	64,73	50,00
% de crianças de 6 a 14 fora da escola	12,68	3,75	3,23
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis, na população dessa faixa	-	19,20	13,65
% de mulheres de 10 a 17 anos que tiveram filhos	2,18	3,02	2,05
Taxa de atividade - 10 a 14 anos	-	3,72	4,75
Família			
% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família	15,82	15,58	11,59
% de vulneráveis e dependentes de idosos	2,56	3,34	2,36
% de crianças extremamente pobres	21,65	18,61	7,34
Trabalho e Renda			
% de vulneráveis à pobreza	63,91	58,56	35,27
% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal	-	34,41	21,49
Condição de Moradia			
% da população em domicílios com banheiro e água encanada	59,12	59,76	81,26

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

Figura 10 - Tabela da Vulnerabilidade Social

Fonte: IBGE (<http://www.atlasbrasil.org.br> <http://www.atlasbrasil.org.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

De acordo com os gráficos expostos, percebe-se que em São Luís houve um crescimento na escolaridade da população entre 1991 a 2010, data do último censo demográfico, pois o número de analfabetos reduziu e o acesso ao ensino superior cresceu.

No aspecto ligado à vulnerabilidade social, também houve progresso bem perceptíveis nos demonstrativos relacionados à mortalidade infantil, dependentes de idosos, jovens que pariram menos, crianças em situação extrema de pobreza que apresentaram queda significativa. Assim como o aspecto ligado à infraestrutura das moradias que aumentou, significando qualidade de vida para o povo ludovicense.

Mesmo com resultados tão positivos, alguns ainda precisam melhorar, se for levado em consideração um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o qual mostra que a cada cinco brasileiros, entre 18 e 24 anos, não trabalham nem estudam, é a chamada “Geração Nem Nem”. Sem trabalho, eles não têm dinheiro para pagar faculdade ou curso profissionalizante.

Este termo começou a ser usado no Reino Unido sob a sigla NEET, "*Not currently engaged in Employment, Education or Training*", algo como "Atualmente sem Emprego, sem Educação (não é estudante) e não tem Formação Profissional (estágio)". Logo depois, passou a ser utilizada em outros países, inclusive o Japão.

No Reino Unido, o termo compreende pessoas com faixa etária entre 16 e 18 anos que não tenham participação ativa na sociedade. No Japão, o termo compreende pessoas de idade entre 15 e 34 anos que são desempregadas, solteiras, não registradas na escola, não procuram trabalho ou o treinamento profissional necessário para trabalhar.

No Brasil, esta parcela da população já corresponde a 23 % em 2016. Em 2015, eram 19% e em 2014 eram 20%. A instabilidade financeira que se acirrou desde 2015, afeta diretamente os jovens que se encontram em duas situações: concluíram o ensino médio e não têm emprego ou foram demitidos, engrossando um grande contingente de 12 milhões de desempregados.

A má distribuição de renda obriga este cenário a se repetir, mesmo com acesso facilitado com cotas para negros ou afrodescendentes, estudantes de escolas públicas e indígenas, pois com a renda familiar baixa e com apenas um dos responsáveis, geralmente a mãe e trabalhar requer o apoio dos filhos maiores.

Há um auxílio do governo federal chamado “Bolsa Família”, que varia de valor, dependendo da quantidade de crianças e idade por família. O valor mínimo oferecido é em torno de R\$ 70,00 (setenta reais) mensal, por criança. Com tudo isso, as dificuldades são grandes.

Este auxílio foi criado no primeiro mandato do Governo Lula, entre os anos 2003 e 2004, com o objetivo de reduzir a fome e a miséria do povo brasileiro, e deu muito certo durante alguns anos, principalmente no período da emergência econômica favorável ao Brasil. Outros incentivos como o “Bolsa Escola”, foi criado pelo governo do estado do Maranhão. Serve para garantir a permanência da criança na escola e evitar a evasão escolar, considerando que a quantia recebida retirava a criança da condição de trabalhador infantil. Esta iniciativa também foi eficaz. No entanto, a crise financeira globalizada atingiu o país e comprometeu diversos investimentos e programas governamentais em vigor por quase doze anos nos governos Lula e Dilma.

Não bastasse esta situação de insegurança econômica, a situação política se complicou por causa de um grave esquema de corrupção que atingiu vários setores e representantes do governo federal. Este quadro convergiu para o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff,

acusada de compactuar com algumas ações. Michel Temer, o vice-presidente, assume o poder e dá seguimento ao mandato. O perfil do novo presidente nada tem de assistencialista, tampouco de populista. Sua popularidade é baixa e suas medidas visam sempre os empresários e a elite social.

Um reflexo disso é a nova proposta para a educação básica, que já entrou em vigor em fevereiro de 2017, em forma de medida provisória até que seja votada e aprovada pelo congresso nacional. Esta proposta, na verdade, resgata um pouco do perfil educacional de duas décadas passadas e acrescenta algumas novidades, as quais desfocam o jovem de classe baixa do objetivo na formação superior e os induz a buscar o mercado de trabalho através de um ensino técnico, que já estava escasso e causando prejuízos aos grandes empresários.

Esta lei é um retrocesso na educação nacional, visto que pobres e negros voltarão a ser mão de obra barata nas mãos da elite empresarial, ampliando o contingente de excluídos, sociocultural e economicamente.

3 QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Uma educação de qualidade implica investimentos voltados para uma aprendizagem plena a partir de recursos didáticos e tecnológicos, acesso à escola, acompanhamento familiar e espaço físico com infraestrutura digna e acolhedora, que proporcione aos alunos condições para progredirem ano após ano em busca da apreensão do conhecimento.

3.1 Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações.

Ele é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no **Censo Escolar**¹, e das médias de desempenho nas avaliações do Inep, o **Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)** – para as unidades da federação e para o país, e a **Prova Brasil**² – para os municípios.

Para que serve

O IDEB agrega ao enfoque pedagógico dos resultados das avaliações em larga escala do Inep a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. O índice varia de zero a dez e a combinação entre fluxo e aprendizagem tem o mérito de equilibrar as duas dimensões: se um sistema de ensino reter seus alunos para obter resultados de melhor qualidade no Saeb ou Prova Brasil, o fator fluxo será alterado, indicando a necessidade de melhoria do sistema. Se, ao contrário, o sistema apressar a aprovação do aluno sem qualidade, o resultado das avaliações indicará igualmente a necessidade de melhoria do sistema.

O IDEB também é importante por ser condutor de política pública em prol da qualidade da educação. É a ferramenta para acompanhamento das metas de qualidade do **Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)** para a educação básica, que tem estabelecido, como meta, que em 2022 o Ideb do Brasil seja 6,0 – média que corresponde a um sistema educacional de qualidade comparável a dos países desenvolvidos.

¹ O censo escolar é realizado anualmente, pela equipe de coordenação de cada escola municipal.

² SAEB e Prova Brasil ver maiores detalhes no item 3.5

As escolas abaixo mencionadas com o resultado do IDEB, foram escolhidas a partir da prática empírica. Haja vista que são espaços da minha prática docente como professora de Língua Portuguesa, tornando mais fidedignos os argumentos e contra-argumentos acerca dos resultados divulgados na mídia nacional.

As duas primeiras escolas, UEB Ana Lúcia Chaves Fecury e UEB Bandeira Tribuzzi são unidades da rede pública municipal da área urbana, onde exerço efetivamente meu trabalho, das quais conheço as fragilidades no processo de ensino-aprendizagem, inclusive na alfabetização e letramento dos alunos. A terceira escola, também da rede pública municipal, localizada na área rural, a UEB Major José Augusto Mochel, foi o local da minha prática de ensino supervisionada, onde convivi com a comunidade escolar por quase um mês, o que foi suficiente para perceber que as mazelas educacionais não se diferem, mesmo a área sendo distinta.

3.2 Ideb da UEB Ana Lúcia Chaves Fecury

Pode-se perceber que o IDEB apresentado nas figuras 11 e 12, expõe um resultado alcançado muito próximo à meta estabelecida para o ano de 2015. Mas, a realidade observada por quem convive na escola é completamente distante tanto da primeira quanto da segunda meta, devido à carência de docentes no quadro e de técnicos pedagógicos, situação que gera indisciplina e lacunas no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado:	Escola	UF:	MA
Município:	SÃO LUÍS	Nome da Escola:	UEB ENS FUND ANA LUCIA CHAVES FECURY
Rede de ensino:	Municipal	Série / Ano:	4ª série / 5º ano

4ª série / 5º ano

Escola	Ideb Observado					Metas Projetadas								
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021	
UEB ENS FUND ANA LUCIA CHAVES FECURY	3,6	4,0	3,9	4,1	4,0	4,5	3,6	4,0	4,4	4,7	5,0	5,2	5,5	5,8

Figura 11 - Ideb do 5º ano da UEB Ana Lúcia Chaves Fecury
Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: MA

Município: SÃO LUÍS Nome da Escola: UEB ENS FUND ANA LUCIA CHAVES FECURY

Rede de ensino: Municipal Série / Ano: 8ª série / 9º ano

8ª série / 9º ano

Escola ↓	Ideb Observado						Metas Projetadas							
	2005 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2017 ↓	2019 ↓	2021 ↓
UEB ENS FUND ANA LUCIA CHAVES FECURY	2.2	2.8	3.8	3.9	3.6	3.3	2.3	2.7	3.1	3.7	4.1	4.4	4.7	4.9

Figura 12 - Ideb do 9º ano da UEB Ana Lúcia Chaves Fecury
 Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

3.3 Ideb da UEB Bandeira Tribuzzi

Os dados alcançados na escola superam a meta estabelecida. No entanto, a escola está em reforma há mais de quatro anos, e neste ano as aulas ainda não iniciaram até o mês de maio, pois o prédio onde estava funcionando foi solicitado. A prefeitura alega não ter dinheiro para concluir a obra, tampouco alugar um prédio para que as aulas possam iniciar. Sem contar a carência de docentes e de pedagogos.

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: MA

Município: SÃO LUÍS Nome da Escola: UEB ENS FUND BANDEIRA TRIBUZZI

Rede de ensino: Municipal Série / Ano: 4ª série / 5º ano

4ª série / 5º ano

Escola ↓	Ideb Observado						Metas Projetadas							
	2005 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2017 ↓	2019 ↓	2021 ↓
UEB ENS FUND BANDEIRA TRIBUZZI	3.3	4.1	4.2	5.0	5.2	4.5	3.4	3.8	4.2	4.5	4.7	5.0	5.3	5.6

Figura 13 - Ideb do 5º ano da UEB Bandeira Tribuzzi
 Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: MA

Município: SÃO LUÍS Nome da Escola: UEB ENS FUND BANDEIRA TRIBUZZI

Rede de ensino: Municipal Série / Ano: 8ª série / 9º ano

8ª série / 9º ano

Escola ↓	Ideb Observado						Metas Projetadas							
	2005 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2017 ↓	2019 ↓	2021 ↓
UEB ENS FUND BANDEIRA TRIBUZZI	2.9	3.9	4.1	3.6	3.2	3.5	3.0	3.1	3.4	3.8	4.2	4.4	4.7	5.0

Figura 14 - Ideb do 9º ano da UEB Bandeira Tribuzzi
 Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

3.4 Ideb da UEB Major José Augusto Mochel

Esta escola esta localizada na área rural da capital, onde foi realizada a prática de ensino. Os resultados publicados se igualam à meta estabelecida, fato que gera questionamentos diante da realidade das escolas municipais, que é de carência de docentes e corpo técnico pedagógico e evasão escolar.

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: MA

Município: SÃO LUÍS Nome da Escola: UEB ENS FUND MAJOR JOSE AUGUSTO MOCHEL

Rede de ensino: Municipal Série / Ano: 4ª série / 5º ano

4ª série / 5º ano

Escola ↓	Ideb Observado						Metas Projetadas							
	2005 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2007 ↓	2009 ↓	2011 ↓	2013 ↓	2015 ↓	2017 ↓	2019 ↓	2021 ↓
UEB ENS FUND MAJOR JOSE AUGUSTO MOCHEL			3.9	3.9	3.5	4.8			4.2	4.5	4.8	5.1	5.4	5.7

Figura 15 - Ideb do 5º ano da UEB Major José Augusto Mochel
 Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: Escola UF: MA

Município: SÃO LUÍS Nome da Escola: UEB ENS FUND MAJOR JOSE AUGUSTO MOCHEL

Rede de ensino: Municipal Série / Ano: 8ª série / 9º ano

8ª série / 9º ano

Escola	Ideb Observado					Metas Projetadas								
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
UEB ENS FUND MAJOR JOSE AUGUSTO MOCHEL			3.6	3.7	3.5	4.0			3.7	4.0	4.3	4.6	4.8	5.1

Figura 16 - Ideb do 9º ano da UEB Major José Augusto Mochel
 Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

3.5 Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb

O Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb, instituído em 1990, tem como principal objetivo realizar um diagnóstico da educação básica brasileira. O levantamento produz informações que subsidiam a formulação, reformulação e o monitoramento das políticas públicas nas esferas municipal, estadual e federal, visando contribuir para a melhoria da qualidade, equidade e eficiência do ensino. Além disso, procura também oferecer dados e indicadores sobre fatores de influência do desempenho dos alunos nas áreas e anos avaliados.

Em 2005, o Saeb foi reestruturado e passou a ser composto por duas avaliações: a **Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb)**, que manteve as características, os objetivos e os procedimentos da avaliação efetuada até aquele momento pelo Saeb, e a **Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc)**, conhecida como Prova Brasil, criada com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas das redes públicas. Em 2013, a **Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA)** foi incorporada ao Saeb para melhor aferir os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática.

Hoje, o Saeb é composto pelas três avaliações externas em larga escala:



Figura 17 - Organograma das avaliações

Fonte: Inep (<http://ideb.inep.gov.br>, consultado em 15 de maio de 2017)

Avaliação Nacional da Educação Básica – Aneb

É uma avaliação bianual que abrange, de forma amostral, escolas e alunos das redes públicas e privadas do País, em áreas urbanas e rurais, matriculados na 4ª série (5º ano) e 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio Regular. Essa prova mantém as características, os objetivos e os procedimentos da avaliação da educação básica efetuada até 2005 pelo Saeb, tendo como foco avaliar a qualidade, a equidade e a eficiência da educação básica brasileira. Os resultados do país são apresentados por regiões geográficas e unidades da federação.

Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – Prova Brasil

É uma avaliação censitária bianual, envolvendo os alunos da 4ª série (5º ano) e 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental das escolas públicas que possuem, no mínimo, 20 alunos matriculados nas séries/anos avaliados. Seu objetivo principal é mensurar a qualidade do ensino ministrado nas escolas das redes públicas, fornecendo resultados para cada unidade escolar participante, bem como para as redes de ensino em geral. Apresenta, ainda, indicadores contextuais sobre as condições extra e intraescolares em que ocorre o trabalho da escola.

Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA

É uma avaliação censitária envolvendo os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas, com o objetivo principal de avaliar os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa, alfabetização Matemática e condições de oferta do Ciclo de Alfabetização das redes públicas. A ANA foi incorporada ao Saeb pela Portaria nº 482, de 7 de junho de 2013.

Das três avaliações realizadas pelo Saeb, a que mais se insere no campo de interesse desta pesquisa é a Anresc ou Prova Brasil.

A Prova Brasil é realizada a cada dois anos nas escolas da rede pública. Quem trabalha nessas escolas não consegue compreender os resultados desta prova. O nível e a abordagem das questões é nacional e muito acima do nível cognitivo dos alunos.

No plano real da educação pública de São Luís, há um contingente bem representativo de crianças não alfabetizadas e que progrediram para séries seguintes com graves defasagens de aprendizagem. Em uma sala de aula há muitas realidades, mas a que assusta é o elevado número de alunos que não dominam a leitura e a escrita.

Há uma pequena parcela que lê e escreve com desenvoltura. Outra parcela codifica e decodifica trechos de uma frase ou um parágrafo.

Este quadro de analfabetismo deve-se à proposta de ensino que não oferece tempo e recursos intra e extraescolares necessários para o bom desempenho do estudante.

É oferecido um acompanhamento técnico para crianças com alguma dificuldade ou *deficit* de aprendizagem, mas estes profissionais não têm a frequência devida no ambiente escolar, fato que compromete a evolução no acompanhamento do aluno.

A falta de compromisso da própria família impede ainda mais que haja algum progresso na aprendizagem.

Quanto ao espaço físico, não tem manutenção hidráulica, elétrica e pedagógica, o que desmotiva tanto o corpo docente, quanto o corpo discente.

4 PAPEL DA ESCOLA

Já vai longe a ideia de que a criança chega completamente inexperiente em sala de aula. Sabe-se que ao iniciar sua caminhada escolar ela já traz consigo uma grande quantidade de saberes, hábitos e um repertório linguístico variado, influenciado pelo seu nível socioeconômico.

Conhecer uma língua não significa conhecer a gramática desta língua. Uma criança quando começa a falar aprende por repetição e estímulo das pessoas com as quais convive, mas isso não significa que ela precisa aprender a gramática para se comunicar. Por isso, ao chegar à escola, a criança traz um repertório linguístico próprio adquirido pelo convívio com o seu grupo. A partir desse momento, a escola fará diferença na vida desta pessoa, porque serão trabalhadas as regras para uma escrita correta, através da produção de variadas tipologias e gêneros textuais com suas respectivas características. Ou seja, cabe à escola ensinar o aluno a escrever, a transcrever para o papel suas ideias, respeitando as regras da gramática normativa.

Segundo Possenti (1996: 11) “o objetivo da escola é ensinar o português padrão. É criar condições para que ele seja aprendido”, visto que a apropriação destas normas serve de patamar para ascensão sociocultural do usuário, evitando a exclusão sob os aspectos da deficiência e diferença cultural que afunilam as diferenças sociais. É, acima de tudo, garantir que cada falante seja respeitado na sua linguagem prévia, com suas variações linguísticas, a fim de evitar o preconceito linguístico.

Apostando numa proposta de inclusão e respeito às variações linguísticas e consciente do seu papel, a escola, representada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 2011, em parceria com a Global Editora, resolveram ousar diante da realidade linguística nacional e lançaram uma coleção chamada “Viver e Aprender” para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que apresentava e apoiava o emprego de orações, utilizando concordâncias ideológicas, ou seja, aquela que considera ideias subtendidas.

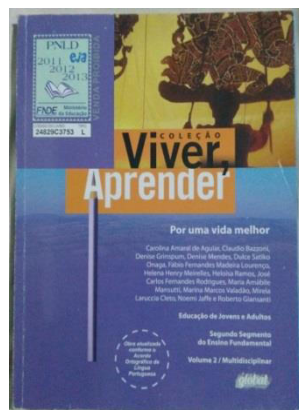


Figura 18 - Coleção Viver e Aprender
Fonte: Própria

Alguns insetos provocam doenças, às vezes, fatais à população ribeirinha.

insetos (masculino, plural) ← alguns (masculino, plural)
doenças (feminino, plural) ← fatais (feminino, plural)
população (feminino, singular) ← ribeirinha (feminino, singular)

As palavras centrais (insetos, doenças, população) são acompanhadas por outras que esclarecem algo sobre elas. As palavras acompanhantes são escritas no mesmo gênero (masculino/feminino) e no mesmo número (singular/plural) que as palavras centrais.

Essa relação ocorre na norma culta. Muitas vezes, na norma popular, a concordância acontece de maneira diferente. Veja:

Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.

livro (masculino, singular) → os (masculino, plural)
ilustrado (masculino, singular)
interessante (masculino, singular)
emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos:

O fato de haver a palavra os (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro?’”

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe. menino → singular pegou → singular	Os meninos pegaram o peixe. meninos → plural pegaram → plural
O menino pegou o peixe. menino → 3. ^a pessoa pegou → 3. ^a pessoa	Eu peguei o peixe. eu → 1. ^a pessoa peguei → 1. ^a pessoa

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.^a/2.^a/3.^a) com o ser envolvido na ação que ele indica.

Figura 19 - Página 15 Coleção Viver e Aprender

Fonte: Própria

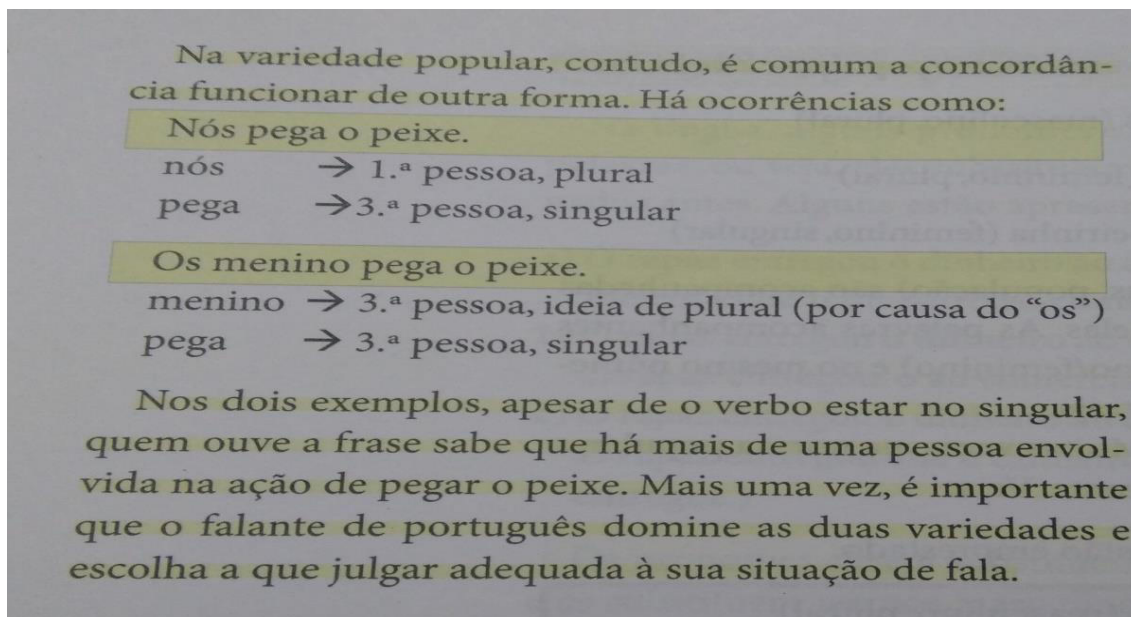


Figura 20 - Página 16 Coleção Viver e Aprender
Fonte: Própria

Esta inovadora tentativa foi duramente criticada, fato que tomou grandes proporções no cenário nacional.

Conforme foi dito anteriormente, foi uma tentativa ousada, mas não foi compreendida e soou como deseducadora, descabida e absurda.

A sociedade letrada e iletrada se mostrou extremamente preconceituosa e descontextualizada, visto que estavam criticando algo que já é uma prática. Apenas os domínios da língua se chocaram. O que era mais familiar e íntimo invadiu um domínio social.

Apenas foi ressaltada a realidade do falante para poder chegar ao nível culto da gramática normativa prescritiva.

É compreensível o impacto causado na sociedade diante desta proposta, pois o domínio social escolar, tradicionalmente, é mais cuidado. No entanto, não existem fronteiras bem marcadas entre os eventos de oralidade e os eventos de letramento (Bortoni-Ricardo, 2004:62). Isso se percebe em sala de aula, numa palestra, na missa ou no culto. Já os eventos de oralidade são espontâneos, naturais. Mas estão presentes na escola e se entrelaçam constantemente.

5 A NECESSIDADE DA COMUNICAÇÃO

Desde a época das cavernas, o homem sentiu a necessidade de se comunicar utilizando gestos, posturas, gritos e grunhidos, assim como os demais animais não dotados da capacidade de expressão mais refinada. Com o tempo, essa comunicação foi adquirindo formas mais claras e evoluídas, constituindo uma linguagem própria de um grupo.

O homem é capaz de utilizar variadas linguagens para se comunicar desde os primeiros momentos de interação com outra pessoa. Pesquisas científicas comprovam que a mãe se comunica com seu bebê no útero através da fala, da música, do carinho sobre a barriga, atitudes que garantem uma gestação e um bebê tranquilos. Após esta etapa, a linguagem utilizada na vida extrauterina se dá pelo choro que serve de sinal para comunicar que algo está errado.

Ao longo do desenvolvimento humano, outras formas de linguagem são exploradas para estabelecer a comunicação, dependendo da habilidade ou necessidade do falante. Em uma pessoa com deficiência auditiva, por exemplo, a linguagem de sinais será amplamente explorada. Caso o usuário tenha deficiência visual, o Braille e a fala serão os recursos linguísticos mais comuns. No trânsito, a linguagem que nos é permitida está centrada nos símbolos e sons. E um das linguagens mais criativas e inclusivas que vem se alargando neste novo milênio, a virtual, estreitou ainda mais a possibilidade de comunicação humana. Enfim, temos a necessidade extrema de nos comunicarmos, e para isso variados são os tipos de linguagem que podemos lançar mão, sempre respeitando o interlocutor e seu repertório linguístico-cultural.

Quem se comunica, necessita ser compreendido, e para que a mensagem chegue ao destino de forma compreensível são necessários alguns elementos da comunicação, como ilustra o esquema abaixo.

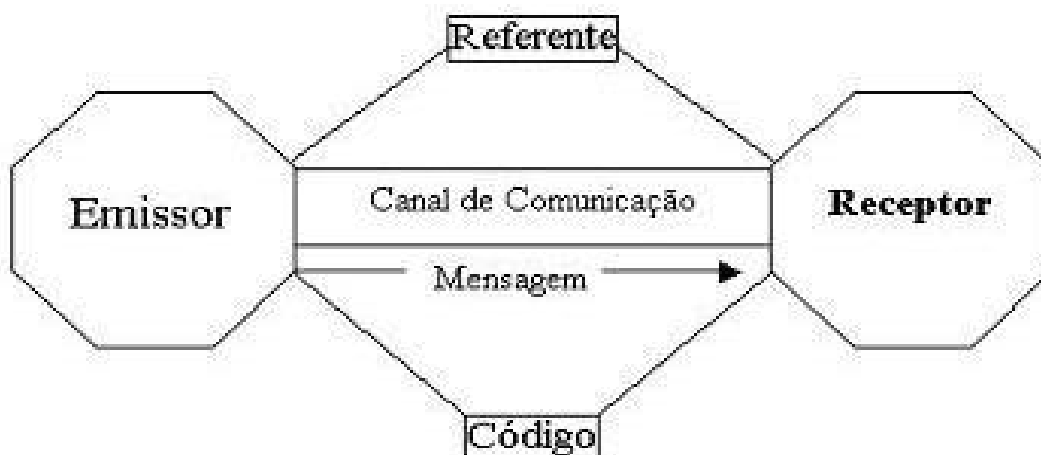


Figura 21 - Esquema da comunicação

Fonte: <http://www.coladaweb.com>, consultado em 15 de maio de 2017)

- a) Emissor ou destinador é o que emite a mensagem; pode ser um indivíduo ou um grupo (firma, organismo de difusão, etc.)
- b) Receptor ou destinatário é o que recebe a mensagem; pode ser um indivíduo, um grupo, ou mesmo um animal ou uma máquina (computador).
- c) A mensagem é o objeto da comunicação; ela é constituída pelo conteúdo das informações transmitidas.
- d) Canal de comunicação é a via de circulação das mensagens (revista, livro, jornal, rádio, TV, ar, etc.).
- e) O código é um conjunto de signos e regras de combinação destes signos (escrita, fala, gestos, etc.).

5.1 Funções da linguagem

A linguagem é um elemento fundamental para estabelecermos comunicação com outras pessoas. Por ser múltipla e apresentar peculiaridades de acordo com a intenção do falante, divide-se em seis funções: *Função referencial ou denotativa*, *Função emotiva ou expressiva*, *Função Fática*, *Função conativa ou apelativa*, *Função metalinguística* e *Função poética*.

Função referencial ou denotativa: transmite uma informação objetiva, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. *Por exemplo:* “Bancos terão novas regras para acesso de deficientes”.

Função emotiva ou expressiva: o objetivo do emissor é transmitir suas emoções e anseios. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emitente e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. *Por exemplo:* “*Eu tenho tanto pra ti falar, mas com palavras não sei dizer [...]*” (Roberto Carlos).

Função fática: O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa. *Por exemplo,* “Entendeu? Alô!”

Função conativa ou apelativa: O objetivo é de influenciar, convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!). *Por exemplo,* “Não perca a chance de ir ao cinema pagando menos!”

Função metalinguística: Essa função refere-se à metalinguagem, que é quando o emissor explica um código usando o próprio código. *Por exemplo:* Dicionário: Di-cio-ná-rio - Compilação que contém as palavras de uma língua, apresentando seu significado, utilização,

etimologia, sinônimos, antônimos ou com a tradução em outra língua: dicionário de português; dicionário de português-inglês.

Função poética: O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos através de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo. Por exemplo, “*Tudo vale a pena, se a alma não é pequena[...]*” (Fernando Pessoa).

5.2 Níveis de Linguagem

De maneira geral, podemos distinguir o padrão coloquial do padrão formal culto.

Padrão formal culto é a modalidade de linguagem trabalhada nas escolas, a partir de uma gramática normativa, que deve ser utilizada em situações que exigem maior formalidade, sempre tendo em conta o contexto e o interlocutor, sem causar constrangimento a este. Caracteriza-se pela seleção e combinação das palavras, pela adequação a um conjunto de normas, de concordância, de regência, de pontuação, do emprego correto das palavras quanto ao significado, da organização das orações e dos períodos, das relações entre termos, orações, períodos e parágrafos.

Padrão coloquial faz referência à utilização da linguagem em contextos informais, íntimos e familiares, que permitem maior liberdade de expressão. Esse padrão mais informal também é encontrado em propagandas, programas de televisão ou de rádio, etc.

A compreensão do que significa linguagem, língua e fala ainda está muito entrelaçada, para os falantes em geral, exceto àqueles pertencentes à área da linguística.

Segundo Cintra e Cunha (2008: 01), linguagem é todo sistema de sinais que serve de comunicação entre os indivíduos. Associa-se a esse conceito o conjunto de sinais, gestos e recursos diversos que cada falante utiliza para se comunicar. A língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. É o código que um grupo de falantes utiliza para se comunicarem através das palavras. A fala, por último e não menos importante, é o uso que cada falante faz da língua, ela é personalizada, individual.

A norma culta da língua portuguesa está muito banalizada entre os falantes no cotidiano, seja dentro ou fora da sala de aula. Lamentavelmente, até os professores, por vezes, da língua materna, querem se igualar aos alunos, para desta forma garantirem algum sucesso em suas aulas. Porém, com esta postura, acabam perdendo o respeito e a admiração dos alunos por ser aquele que deveria ensiná-los, mediar seus conhecimentos a partir da realidade atual de cada um. É uma conduta desafiadora, mas pode funcionar. Vai depender do domínio do professor sobre a turma.

Por mais descontextualizado que possa parecer, a norma culta ainda representa notório saber, capaz de quebrar paradigmas estabelecidos a partir somente da aparência estética. Segundo

Evanildo Bechara, doutor em letras e um dos mais respeitados gramáticos da língua portuguesa, acredita que esta norma possibilita ascensão social de crianças e jovens.

“*Alguns de meus colegas subvertem a lógica em nome de uma doutrina que só serve para tirar de crianças e jovens a chance de ascenderem socialmente*” (Bechara, Evanildo. Veja 2219, 01/06/2011, <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/ontem-desanquei-um-academico-hoje-aplaudo-um-outro/>).

As palavras de Bechara se reforçam no poema crítico de Oswald de Andrade, *Pronominais*, publicado por volta dos anos trinta.

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

Oswald, neste poema, ressalta dois públicos falantes. Um que detém o domínio da norma culta e outro a quem ele chama de bom negro e bom branco, os menos favorecidos.

A linguagem popular tomou proporções gigantescas permeada de estrangeirismo e gírias que se propagam em todos os ambientes e idades. Isso faz com que os docentes se sintam cada vez mais desmotivados para conseguirem conscientizar os alunos da importância de uma linguagem formal em ambientes formais.

5.3 Preconceito linguístico

Considero alguns fatores que geram preconceito linguístico na língua portuguesa falada no Maranhão: A subtração ou troca de algumas letras ou fonemas, o grupo sociolinguístico, a naturalidade, o nível socioeconômico, a cultura e o *reggae*.

Entre os falantes maranhenses, há o que Aragão (1999) chama de economia da linguagem, causado pela subtração ou troca de algumas letras ou fonemas, também pela necessidade de facilitar a articulação. Ele ocorre quando a pronúncia de algumas palavras fica

comprometida. Por exemplo: “muié”, para mulher, “teiado”, para telhado, e “cuié”, para colher, entre outras. O projeto Alima, Atlas Linguístico do Maranhão, considera este tipo de articulação das palavras como iotização. A iotização é um fenômeno de fala caracterizado pela semivocalização do segmento consonantal, por este motivo a pronúncia ser assim.

Considerando minha experiência em sala de aula e a interação social, posso afirmar que esta economia das palavras ou iotização, são recorrentes entre os falantes de São Luís. Acredito que isto esteja mais relacionado à comunidade linguística destes falantes, que tem um repertório próprio. Esta afirmação faz-me lembrar alguns filósofos como Rousseau e Taine. Aquele afirma que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Sob esta máxima, reflito acerca das pessoas que tinham um certo domínio da norma culta e com o passar dos anos, a situação socioeconômica e o contato com falantes de um nível linguístico de menos domínio da norma culta causou este descaso com a linguagem. Este, com sua Teoria Determinista, afirma que o homem é produto do meio, da raça e do momento.

Corroboro com o pensamento destes filósofos, pois acredito que o meio influencia sobremaneira no vocabulário pessoal de cada pessoa, constituindo um grupo linguístico. No que tange ao aspecto da raça, insere-se também a cultura dos povos, transmitida de geração em geração e, por fim, o momento que torna a linguagem tão dinâmica com arcaísmo, neologismos, gírias e estrangeirismos. *O comportamento linguístico é um indicador claro de estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua*” (Bortoni-Ricardo, 2005:14)

Todas essas possibilidades cercam o homem e o obrigam a falar, simplesmente falar e se fazer compreender.

Em sala de aula, essa “economia da linguagem” expõe o indivíduo a situações vexatórias, pois os próprios colegas apontam e classificam o que sabe e o que não sabe “português”.

O grupo sociolinguístico ao qual o falante pertence pode render-lhe ascensão social ou constrangimento e exclusão. No cotidiano escolar, percebi que há um fosso grandioso entre as esferas pública e privada, claramente perceptível a partir de uma simples produção textual. A profundidade da abordagem em um assunto, o vocabulário utilizado, as situações cotidianas relatadas revelam, com clareza, colossais diferenças. E trabalhar nestas duas esferas educacionais é muito desafiador e angustiante, pois o princípio da igualdade na educação passa longe dessa realidade.

Percebe-se que os alunos da rede privada se aproximam mais da norma padrão ensinada nas escolas. Isto se deve ao grupo linguístico ao qual pertencem, ao conhecimento de mundo adquirido com viagens, boas leituras, formação acadêmica dos pais, acesso a aparatos tecnológicos modernos e espaço físico escolar e profissionais de qualidade.

Por outro lado, os alunos da rede pública se distanciam da norma padrão. Suas experiências de mundo limitam-se ao cotidiano rotineiro da rua em que moram, pois muitos nunca saíram de São Luís, não têm o hábito da leitura como deleite, o nível de escolaridade dos pais e responsáveis é baixíssimo, formado por presidiários, prostitutas, trabalhadores domésticos e vendedores informais, em grande parte vindos da área rural. Além de tudo isso, o espaço escolar é precário, sem material tecnológico pedagógico, instalações elétricas, hidráulicas deficientes e comprometidas pelas intempéries do clima, ambientes insalubres para um bom trabalho pedagógico.

O Brasil é um país continental por causa da sua grande extensão territorial, isto colabora para que as regiões apresentem múltiplas diferenças, especialmente na linguagem. As regiões sul e sudeste destacam-se pelo grande parque fabril, que atrai trabalhadores e investidores de várias partes do país e do mundo.

A região nordeste, em especial, apesar de ter um grande potencial natural, não é explorada, sendo uma das mais pobres. Esta pobreza é alvo de preconceito em comparação com as regiões mais desenvolvidas.

O repertório linguístico do povo nordestino, com destaque para o Maranhão e sua capital São Luís, é um fator de preconceito linguístico no âmbito da naturalidade. Expressões como “gaiato”, que significa ousado e “qualira”, que significa homossexual, soam estranho para pessoas de outras cidades e, às vezes, servem de motivo de zombaria.

A má distribuição de renda e a falta de investimento em grande parte dos estados da região nordeste, colocam o Maranhão entre os estados mais pobres da federação no *ranking* do Índice do Desenvolvimento Humano (IDH).

Este indicador funciona com um fator de discriminação socioeconômico, pois significa menos investimento em saúde, segurança e educação. Educação que até ao ano 2016, ainda permite a existência de escolas no interior do estado serem construídas de palha e barro, em péssimas condições de aprendizagem, sem respeito pela dignidade da pessoa humana. Na capital, não há escolas deste porte. No entanto, grande parte das escolas da rede municipal têm estrutura física desfavorável e corpo docente insuficiente. Não tem como apresentar um bom desempenho educacional com tantas defasagens.

Em razão da multiplicidade da herança cultural e da dinamicidade da língua, a cultura maranhense apresenta um repertório linguístico bem variado.

A Festa do Divino, de herança açoriana, celebra tradições religiosas e fatos históricos ao longo de todo o ano, desde a capital aos mais diversos municípios.

As orações são em latim, em sua maioria, rezadas pelas caixeiras que o fazem por repetição, mas não têm o mínimo domínio da língua.

“Quem é que vem descendo

Pelo fio do retrós

É Divino Espírito Santo

Prá fazer festa com nós.”

Outra manifestação cultural é O Tambor de Crioula do Maranhão, uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores, tombado como patrimônio imaterial da cultura e cujo vocabulário também revela marcas da herança e miscigenação dos povos ocupantes destas terras. Não há tempo nem lugar para ele. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afro-brasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as “*coreiras* ou *dançadeiras*”, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na “*punga* ou *umbigada*” – gesto característico, entendido como saudação e convite.

O *reggae* chegou ao Maranhão por volta dos anos 80 do século XX e se expandiu rapidamente. Nesta terceira edição do Atlas Linguístico, foi contemplada a linguagem regueira, utilizada pelos alunos da rede pública, pois estes mesmos falantes estão nas salas de aula e circulam pela camada mais pobre da sociedade ludovicense.

Este ritmo é contagiante pela melodia e pelas mensagens de amor, paz, combate à exclusão e injustiça social. A sinergia entre o *reggae* e o povo maranhense foi tão grande que rendeu a São Luís mais um título, *Jamaica brasileira* ou *Capital brasileira do reggae*.

Nas escolas maranhenses, assim como em todo território nacional, a norma padrão é que deve ser ensinada, e com essa prática não se contempla o falante de outras linguagens, a citar o falante da linguagem regueira, que é tão presente nesta sociedade na camada mais pobre.

Por este motivo, e visando colaborar para a formação de cidadãos autônomos nas variadas normas da língua, elaborou-se a pedido da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão, um Caderno Língua Portuguesa – Maranhão, como forma de não promover a exclusão e o preconceito linguístico àqueles que não usam ou não dominam a norma padrão.

Uma festa inesquecível

Enfim era sábado, dia daquele veterano curtir as pancadas da sequência exclusiva de sua radiola preferida.

A noite chegou e lá se foi Ribamar, regueiro inteirado, ao point com a sua galera. De longe, ele percebeu que no clube rolavam, naquele momento, os reggae barba branca de uma das bolachinhas que ele havia, há muito custo, conseguido ganhar de um magnata. Ribamar ficou, então, ainda mais animado.

Assim que eles entraram, ficaram perto de um paredão ao lado da saída de emergência. O clube estava bamburrando mas, ainda assim, Ribamar conseguiu perceber a presença de um disco legal com dradlocks, que sabia marcar.

Depois de muito observá-la, ele tomou coragem e começou a desdobrar a regueira. Assim que rolou a primeira pedra manhosa da festa, ele a tirou pra dançar e não pegou ferro como pensou, antes, que levaria. A partir desse momento, eles não pararam mais de dançar bem coladinhos.

Já no final da festa, resolveram marcar um encontro numa festa programada que aconteceria no final de semana seguinte. De volta para casa, Ribamar, muito entusiasmado, disse a um de seus chegados que a garota com a qual havia dançado, sem dúvida, cabia na sua pontuação (Santos, 2005: 6).

Vocabulário:

Pancadas - Reggae

Inteirado - informado

Reggae barba branca - antigos

Bolachinhas – disco de vinil pequeno

Magnata – empresário do reggae, dono de radiola

Paredão – várias radiolas próximas

Bamburrando - lotado

Dradlocks – cabelo com estilo rastafari

Sabia marcar – sabe escolher os reggae

Desdobrar - despistar

Pedra manhosa – reggae lento

Não pegou ferro – não foi rejeitado

Chegados - amigos

Cabia na sua pontuação – servia para ele, era do seu interesse

Este material didático possibilita aos alunos regueiros o respeito e a valorização da diversidade linguística, nas instituições de ensino público do Maranhão. O material citado foi utilizado em 2005. Atualmente, não está mais em circulação e não foi possível localizar nenhum exemplar.

6 PROBLEMÁTICA

A problemática deste trabalho está centrada nas percepções da língua em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social em São Luís. Há quem se intitule tradicional ou moderno em se tratando da gramática da língua portuguesa. Estes defendem a tese de que o importante é a comunicação, é fazer-se compreender, ainda que o emprego das regras gramaticais esteja em desacordo. Aqueles, defensores da correta utilização das normas, zelam pela correta utilização das mesmas regras.

Acredita-se que, independente de pertencer a este ou àquele grupo, deve haver bom senso no processo da comunicação e saber que a norma culta existe para ensinar a falar e escrever corretamente na língua materna à qual se pertence. Sendo assim, é fundamental ter domínio dela para se comunicar nas diversas situações: em público, no meio acadêmico e em situações formais. Por sua vez, e sem desmerecê-la, a linguagem informal, utilizada cotidianamente pelos falantes, ficaria para situações mais relaxadas em meio familiar e entre amigos. Mas o que preocupa os professores de língua portuguesa é a sobreposição desta sobre aquela, comprometendo o processo ensino-aprendizagem que possibilita aos alunos avançarem no âmbito educacional e, conseqüentemente, profissional e social, haja vista que ainda impera o preconceito linguístico.

Assim, considerei oportuno falar da linguagem em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social e aprofundar o conhecimento acerca deste tema. Contudo, o interesse para realizar este trabalho surge com o intento de investigar e refletir sobre o nível linguístico dos falantes dentro e fora das escolas de São Luís. Para isso, elaborei algumas questões que deram origem ao questionário direcionado aos professores (cf. Anexo 10).

1. Qual sua análise acerca da linguagem oral dos alunos no contexto escolar e social?
2. A gramática internalizada deles, se aproxima ou se distancia da gramática normativa? Justifique.
3. Como você considera o uso da gramática normativa?
4. Qual sua percepção acerca da linguagem dos estudantes em ambientes sociais (agências bancárias, consultórios etc.)?
5. Como você avalia o futuro da gramática normativa?
6. De que maneira os meios de comunicação podem auxiliar no bom uso da gramática normativa?

Foi com o objetivo de procurar respostas a estas questões, que organizei o questionário. Contudo, sei que as respostas não serão inquestionáveis, tampouco taxativas. A proposta é ampliar a discussão acerca do assunto.

6.1 Objeto

O principal objeto deste trabalho foi refletir de uma forma aprofundada e com sentido crítico acerca da importância da linguagem em uso e da gramática normativa nos variados contextos.

Para Scherre (1999 *apud* Neves, 2013) não é aceitável fazer dicotomias entre língua-padrão (regras gramaticais) e norma linguística (uso da linguagem). Mas os meios de comunicação fazem tal rotulação a partir da linguagem utilizada pelo falante.

A forma estática e pouco interativa com que a gramática normativa vem sendo trabalhada em sala de aula, apresenta-se desinteressante para o público-alvo, visto que é desvinculada do cotidiano da sua linguagem (Neves, 2013).

6.2 Metodologia

O objetivo deste estudo foi identificar como a gramática normativa da língua portuguesa vem sendo utilizada, sem desvalorizar a gramática do falante e a capacidade dele se comunicar em sociedade.

Para isso, analisei o nível de linguagem entre os interlocutores e como exploravam os objetos culturais para transmitirem informações. A observação partiu desde a fala cotidiana dos falantes em geral dentro e fora da sala de aula, a fala do professor em sala e seus recursos utilizados para motivar um diálogo e a aprendizagem do público-alvo.

A pesquisa dividiu-se em duas etapas: A primeira terá caráter exploratório, partindo de levantamento bibliográfico, avaliação de alunos de séries/etapas diferentes, falantes de idades, classes sociais e meio cultural diferentes e observação das aulas de professores das áreas de História e Língua Portuguesa. A segunda etapa teve caráter descritivo, pautada na observação, no registro, na análise de dados sem manipulá-los, fazendo uso de um questionário.

A caracterização dos sujeitos da pesquisa se compôs na delimitação de alunos e professores da rede pública e particular de São Luís e também de falantes em geral como artistas locais, vendedores do comércio informal, donas de casa e idosos.

6.3 Avaliações

Observação dos professores

Esta etapa ocorreu com a observação de algumas aulas ministradas por professores de História e de Língua Portuguesa das redes pública e particular.

A primeira aula observada foi de História, em uma turma de sétimo ano da rede pública. Em se tratando da linguagem, percebi que os fatos históricos eram repassados com um nível linguístico bem próximo aos dos alunos, visto que as marcas de oralidade, gírias e regionalismos eram muito fortes e os acontecimentos eram narrados de forma envolvente, dinâmica e contextualizada. Os alunos ficavam atentos, completamente hipnotizados pelo professor.

Essa sinergia se dá pela fluência da comunicação. Falar de forma compreensível, contextualizada cativa e envolve o público. A didática e a linguagem utilizadas corroboram para que o planejamento ocorra de forma satisfatória.

Em contrapartida, nesta mesma etapa/série, outro professor da mesma disciplina, na rede particular, preocupava-se mais com datas e nomes, utilizava uma linguagem mais formal e *slides* coloridos e atrativos visualmente, porém descontextualizados do cotidiano dos espectadores, tornando a aula maçante. Percebi que a linguagem e os recursos utilizados em sala de aula devem estar em um nível que o público possa compreender, ainda que tenha que lançar mão de aparatos pedagógicos e linguagem que cativa o público.

O professor deve ter a sensibilidade de querer atingir os alunos com uma linguagem acessível, pois do contrário o processo de ensino-aprendizagem será comprometido.

Comparando estas experiências com aulas ministradas na disciplina de língua portuguesa, foram observadas duas realidades com alunos da mesma etapa/série. A primeira, em uma escola pública, onde a professora utilizou uma charge para motivá-los a redigir uma crônica argumentativa sobre o acesso às redes sociais. A aula iniciou pela exibição da charge e a discussão sobre a mensagem. A palavra foi franqueada e professora e alunos expressam suas opiniões. Expressões como “a internet do meu celular é lerda como o quê” o mesmo recurso na “pra mim entrar na internet eu pago dois real na lan house e fico por dentro das paradinhas”, “eu chipo Isabella com João”.



Figura 22 - Rede Social

Fonte: <http://blogdopobre.com.br/rede-social-de-pobre>, consultado em 20 de maio de 2017.

As expressões “**como o quê**”, significa uma intensidade, que pode ser trocada por muito, demais”. “**pra mim**”, sendo empregada incorretamente diante de um verbo. “**dois real**”, empregada sem a flexão de número. “**paradinhas**”, significa novidades. Outra expressão foi “**chipo**”, empregada com o sentido de apoiar e funcionando como verbo.

Apliquei o mesmo recurso na mesma etapa/série, em uma escola particular e a linguagem utilizada pelos alunos, em se tratando da *internet*, foi outra bem mais elaborada. Isto pode ser avaliado, considerando o nível econômico-social destes, que acessam a grande rede em suas casas ou em seus celulares/tablets modernos, além de apresentarem um vocabulário mais vasto devido ao acesso constante a variadas leituras e objetos culturais diversificados.

Avaliação dos alunos

A avaliação foi realizada através de uma interpretação de texto, dividida em duas etapas. Na primeira, eles respondiam a perguntas sobre o texto lido. Na segunda, eles recontavam oralmente a história à sua maneira.

Na rede pública, a atividade foi mais trabalhosa, visto que os alunos apresentaram dificuldade em compreender a intenção do autor, devido ao vocabulário elevado para eles que têm severa deficiência na leitura e escrita, e têm um vocabulário limitado a palavras de senso comum, com gírias e regionalismo. Isso comprometeu o tempo que ficou em torno de cem minutos, dois horários. Enquanto na esfera particular, a mesma atividade necessitou de parte de um horário, equivalente a cinquenta minutos.

Inegavelmente pude constatar que a capacidade cognitiva e o saber acumulado independem do domínio da gramática normativa, mas interferem sobremaneira na compreensão, na fala e na escrita dos discentes, pois podem interferir na linguagem do falante e do ouvinte, gerando ruídos na comunicação. Cabe ao professor identificar tais dificuldades e oferecer recursos para que este público possa se comunicar e ser compreendido em qualquer ambiente.

Diante das dificuldades observadas com os alunos da rede pública e da visível desmotivação de alguns em achar que tudo é difícil ou que não sabe nada, fi-los perceber que cada um pertence a um meio com um vocabulário próprio, mas há necessidade de conhecer e ampliar os conhecimentos na língua materna a fim de garantir possibilidades de ascensão intelectual.

A partir disso, iniciei uma atividade leitura e posteriormente de escrita, acerca das variações linguísticas. Expus para eles uma situação de um “assalto à mão armada” em vários sotaques: paulista, mineiro, carioca, nordestino e gaúcho. Foi uma algazarra quando se depararam com as diferenças da linguagem. Após este momento, houve uma discussão abordando se algum

daqueles sotaques era certo ou errado. Se alguém teve dificuldade para compreender e o que se poderia fazer para a comunicação fluir.

Chegamos ao consenso de que o hábito da leitura de gêneros diversificados e o estudo das gramática normativa reduz ou elimina toda e qualquer dificuldade de compreensão da linguagem.

Lemle (*apud* Soares, 1995) lança uma solução educacional que encaixou perfeitamente a esta situação, que ela chama de biodialetismo, onde o falante de menos prestígio social aprenderia a norma-padrão para fazer uso em situações que se fizesse necessário. Na prática, isto já acontece, pois grande parte dos falantes externam algum zelo pelas normas gramaticais somente em ocasiões formais.

Entrevista com os falantes (extraescolar)

Foram entrevistadas algumas pessoas fora do convívio escolar para que o resultado da pesquisa quanto ao uso das normas gramaticais fosse ampliado. Quando foram questionadas, quanto ao uso da linguagem com pessoas desconhecidas, em torno de oitenta por cento disse que não se importava com isso, afirmaram que tinham de ser autênticos em qualquer situação, com qualquer pessoa, não há necessidade de fingimento. O restante, equivalente aos vinte por cento, afirmou certa preocupação ao se expressarem em público, tendo em vista que linguagem se adequa ao ambiente e à situação, a fim de evitar exclusão social, que lamentavelmente acontece.

Então, percebi que eles valorizam a própria oralidade ou podemos chamar de gramática internalizada segundo a classificação de Sírio Possenti (1996).

Não se pode negar que o domínio da norma culta é um dos fatores de inclusão ou exclusão social, isso porque julga-se o falante como capacitado e letrado pela forma como se expressa. Se ele mostra uma linguagem desfavorável em ambientes sociais como lojas de departamento ou agências bancárias entre outros, pode não receber a devida atenção merecida pelo cliente. Apesar de a linguagem não definir o perfil social ou econômico do falante, pois grandes latifundiários utilizam uma linguagem bem relaxada em sua maioria, e guardam quantias vultosas em suas contas bancárias. Jogadores de futebol que mal concluíram a educação básica, oriundos de comunidades carentes (favelas / ocupações) que ficam milionário de repente.

6.4 Questionários

No questionário, as questões são iguais para todos os indivíduos, não existindo, desta forma, qualquer explicação adicional ou interferência por parte do investigador, sendo as respostas registradas por escrito e a sua análise quantitativa.

O questionário é geralmente utilizado para interrogar um elevado número de pessoas. Como preconiza Sousa (2005:204), “*aplicar um questionário é interrogar um determinado número de sujeitos, tendo em vista uma generalização*”. Contudo, no nosso estudo, estas afirmações não podem ser levadas ao extremo, uma vez que a amostra é diminuta e pouco representativa, não permitindo generalizações.

No questionário, mescliei as perguntas entre objetivas e subjetivas. Utilizando uma linguagem padrão para que os entrevistados não ficassem em dúvida quanto ao objetivo da pergunta. As questões foram organizadas de forma bem sucinta para que não se tornassem maçantes para responder (cf. Anexos 10, 11 e 12).

Foram utilizados 20 questionários direcionados ao público alvo que eram alunos e professores da rede pública e particular de São Luís, artistas locais, vendedores do comércio informal, donas de casa e idosos.

A distribuição dos questionários foi a seguinte: 5 estudantes do ensino fundamental séries finais e ensino médio foram inqueridos, na faixa etária entre 15 a 18 anos. Foram escolhidos 5 professores das redes pública e privada das áreas de língua portuguesa e história, com mais de 10 ans exercendo a docência, na faixa etária entre 45 e 65 anos. Os 4 artistas locais envolvidos com teatro e folclore maranhense, tinham a faixa etária entre 28 e 55 anos. Foram inqueridos 2 vendedores informais, que trabalham na Rua Grande, a maior rua do comércio popular ludovicense, tinham 28 e 50 anos. Foram inqueridas 2 donas de casa, uma com 48 anos e outra com 62 anos. A mais idosa fez uma narração manuscrita da Lenda do Rei Sebastião, que é muito conhecida na cultura local, texto que consta na fotografia de número 06.

Por fim, foram inqueridos os idosos, um com 68 anos e outro com 87 anos. Com eles foi um pouco mais lento, pois em meio às perguntas surgiam histórias de vida relacionadas à linguagem de uma época bem distante, mas consegui aferir os resultados de que necessitava.

6.5 Análise de resultados

Professor – Opinião e Engajamento

Após realizar as pesquisas, foi possível confirmar algumas das minhas percepções. Uma delas está relacionada com o ponto de vista e engajamento dos professores da rede pública. Pelo

que foi aferido, a opinião deste é mais cética em relação ao corpo discente. A visão se atrela ao meio social e ao cotidiano escolar. Geralmente, no Brasil, especificamente na região nordeste, a qualidade de vida é baixa e isso colabora para uma baixa escolaridade também, conduzindo a um contingente de alunos /falantes com uma pobreza vocabular dantesca. Por outro lado, existe a falta de compromisso dos docentes, que surge do comodismo devido às condições das escolas e da evasão escolar anual.

Em contrapartida, os professores da rede particular demonstram esperança no processo ensino-aprendizagem, visto que há mais acesso a variados objetos culturais, entenda-se: cinema, livros, música e teatro, que colaboram para melhor oralidade e perspectivas de projetos futuros.

Poucos são os docentes que buscam uma qualificação estricte senso, pois os baixos salários não possibilitam investimentos nesta etapa. Além do mais, nas universidades públicas os inúmeros critérios, a lisura do processo seletivo, a concorrência estreita e reduzido número de vagas, os horários e por fim, o retorno financeiro inviabilizam e desmotivam estes a se lançarem neste desafio.

Esta busca profissional tornou-se mais acessível há pouco mais de uma década ministrada por particulares e oferecidos por institutos de ensino em parceria com institutos internacionais que possibilitam esta conquista, embora os investimentos não sejam tão baixos.

Esta parceria motivou os profissionais da rede particular a buscarem esta formação para melhorarem seus currículos e adentrarem o magistério superior.

Professor sobre o aluno – Domínio das normas gramaticais

Novamente o fator rede pública e privada interferirá, visto que o docente da rede particular lança mão de recursos variados para promover a aprendizagem das normas gramaticais, por isso afirmam que seus alunos a utilizam parcialmente, em situações mais formais, já no contexto íntimo costuma relaxar tais regras. Aqueles, os professores de rede pública, são taxativos em afirmar que os alunos não sabem nada de gramática, que se distanciam totalmente destas normas.

Acerca da opinião dos professores sobre a linguagem dos usuários dentro e fora da escola alguns deles afirmaram que independente do ambiente as pessoas não primam pela oralidade, e a língua padrão ou uma linguagem menos coloquial fica restrita aos registros escritos como trabalhos e provas (cf. Anexo 10).

Esta afirmação só legitima o que Magda Soares trata em seu livro *Linguagem e Escola*, onde a autora traz a definição de deficiência linguística, representada por uma camada popular de falantes que se afastam da norma padrão da língua.

Tal afastamento compromete não só a fala, assim como a compreensão do mundo ao seu redor, ou seja, os alunos são considerados linguisticamente e cognitivamente deficientes.

Professor - Percepções da linguagem dos estudantes em contextos sociais

Os professores foram quase unânimes em afirmar que no âmbito social, seja ele qual for, o domínio da norma-padrão é parcialmente coloquial, visto que ora há um relaxamento na concordância, na regência, na colocação pronominal correta segundo a gramática normativa, ora há o emprego prescrito pelas normas. Estas variações possibilitam avaliações do nível linguístico dos falantes, sem causar constrangimento para o usuário da língua.

Nesta fala particularizada, há fortes influências implícitas de deficiência e diferença cultural, que marcam, sobremaneira, o repertório linguístico de cada um.

Os estudantes não demonstram qualquer consciência em se comunicar, apenas interagem verbalmente com muita naturalidade, sem nenhuma cautela com as regras gramaticais. Isto porque o grupo ao qual pertence tem as mesmas características, um repertório linguístico muito permeado de gírias e palavrões que surgem e desaparecem rapidamente. Há um tipo de idioleto para cada grupo de falantes de mesmos costumes e idades, que eles fazem muita questão em expor como forma de autoafirmação como pessoa. Na verdade, esta ou aquela regra pouco faz diferença na comunicação deles. Conforme se pode perceber nos gráficos abaixo aferidos a partir da pesquisa.

Linguagem na escola

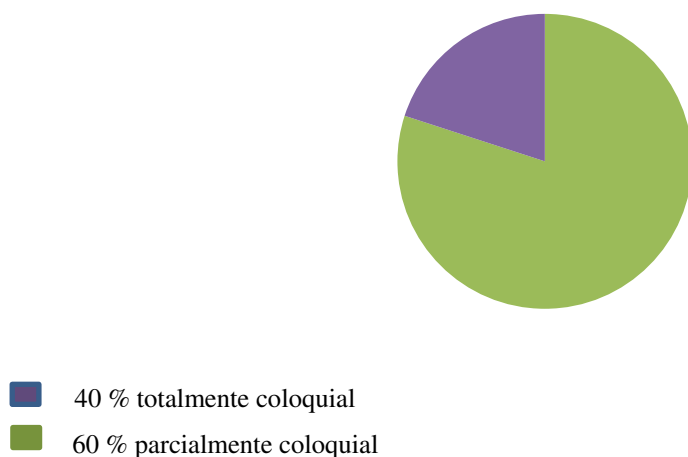


Gráfico 4 - Linguagem na escola e fora dela – rede pública
Fonte: Própria

Linguagem na escola

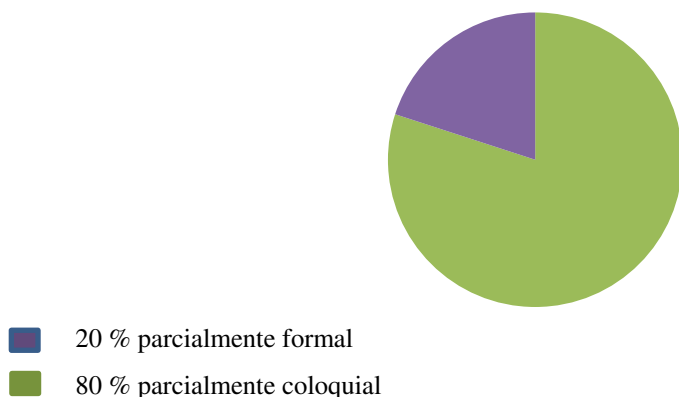


Gráfico 5 - Linguagem na escola e fora dela – rede particular
Fonte: Própria

Aluno – Domínio das normas gramaticais

Com objetividade e sem medo de arriscar, os jovens entrevistados se alternam entre o domínio parcial e frequente da língua.

O parcial ajusta-se ao relaxamento vocabular entre pessoas do seu convívio social e faixa etária. Significa liberdade de expressão, identidade própria e autenticidade no que diz. É uma forma de se igualar aos outros.

O emprego frequente coube àqueles que gostam de ler e se inserem em um contexto sociocultural mais elevado que os demais. Estes reconhecem que há ambientes nos quais a fala precisa ser cuidada e padrão para que todos possam se comunicar.

Para alguns entrevistados, falar de acordo com as regras gramaticais é querer “se aparecer”, se exibir. Causa constrangimento ou timidez em utilizá-la. Mesmo aqueles alunos que cursam a última etapa da educação básica, 3º ano do ensino médio (cf. Anexo 15), percebe-se o emprego da linguagem coloquial se sobrepondo à linguagem padrão, esta fica restrita a ambientes formais ou desconhecidos (cf. Anexo 11).

Afirmaram que a maior preocupação é no período de prova, pois têm várias regras para aprender. No restante do tempo, este público se comunica de forma parcialmente formal, pois ainda acredita que o conteúdo dado em sala de aula serve somente para prova.

Falantes: Vendedores ambulantes, idosos, regueiros, artistas da cultura local

Os falantes entrevistados eram bem variados em idade, religião, profissão e preferências culturais.

Os entrevistados dividiram-se em dois grupos: os que não percebem qualquer inadequação na fala, pois afirmam que se comunicam perfeitamente com amigos, familiares e desconhecidos. Outra parte demonstrou um pequeno zelo na fala com pessoas desconhecidas.

Dentre os entrevistados existem aqueles que se escandalizam com frases com a seguinte estrutura “a gente ganhamos a partida”, “Ei, nós fomos pro jogo, doido”, “os pessoal chegaram cedo”, e dizem se assustar com este tipo de pronúncias, no entanto, outros deles nem percebem se há algo de anormal na fala. Tratam a oralidade como um ato qualquer do cotidiano, como andar, comer etc (cf. Anexo 12).

Alguns falantes se diferenciam pelo aspecto financeiro. Os “barões”, como os mais idosos chamam as pessoas financeiramente privilegiadas, falam cheio de “frescura”, “têm estudo”. O povão fala “normal”. Este normal para eles é o que a maioria domina. Por vezes cheia de gírias e regionalismo.

Foi ressaltado que, ao falar, as pessoas se diferenciam pelo nível escolar que possuem, mas mesmo assim estabelecem a comunicação imediata. No entanto, na escrita, o cuidado deve ser maior, uma vez que se torna impossível fazer correções posteriores e o texto pode ser eternizado com erros, caso aconteça.

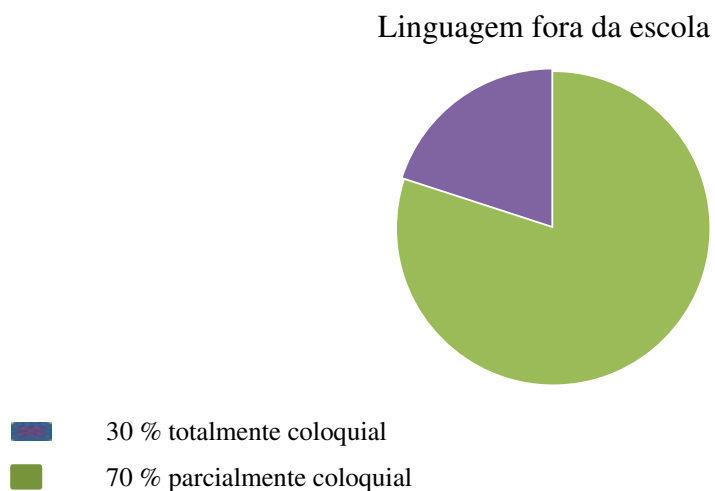


Gráfico 6 - Linguagem dos falantes em geral
Fonte: Própria

6.6 Considerações finais

Língua materna, norma padrão, gramática normativa, todos os conceitos e regras na verdade soam como teorias, utopias e discussões infundadas para grande parte dos lusofalantes. É esta a conclusão a que chego ao término desta pesquisa. Digo isto porque enquanto

pesquisadores, escritores, linguistas, mestres e doutores se debruçam tentando entender os fenômenos da linguagem, tentando estabelecer o que é certo, errado ou aceitável, os falantes estão tornando a cada momento a língua viva, utilizando-a para se comunicar, modificando-a, transformando-a, sem o devido rigor formal, que tem se restringido a cada momento aos mais seletos grupos de elevado saber cultural e ambientes formais.

Isto amplia o fosso da deficiência e diferença cultural, tão bem explorada por Soares (1995) ao diferenciá-las. Cabe à deficiência cultural a falta de oportunidade de acesso à cultura oferecida pela família e pela escola, principalmente na pública. A diferença cultural se dá pelo contato ou não com variadas culturas e objetos culturais no meio em que vivem. Esta se alarga de tempos em tempos, pois quanto mais cresce a diferença entre classes, maior fica a distância e o nível dos saberes em geral, em se tratando das classes sociais.

A fim de amenizar tais diferenças e promover uma comunicação unânime e justa para com todos os falantes, é que se faz necessário o acesso à cultura e aos saberes em geral sem privilégios, e exatamente igual para as redes pública e privada de ensino, no intuito de expurgar qualquer preconceito linguístico, social ou cultural.

CONCLUSÃO

Desde que iniciei minha vida profissional como professora de língua portuguesa, uma dúvida me inquietava: Ensinar as regras da gramática normativa e como me comportar diante da gramática internalizada, natural, dos falantes, dentro e fora de sala de aula?

Por força ou não dos meios de comunicação, ou como diria Taine, na sua Teoria Determinista, pela influência do meio e do momento, muitos estrangeirismos e gírias invadiram o léxico da língua portuguesa, principalmente nas duas últimas décadas.

Na conclusão deste trabalho, não posso deixar de mencionar e de externar minha curiosidade acerca da reação do grupo maranhense do qual Sotero dos Reis fez parte juntamente com outros poetas e escritores de notório saber da época, nos idos anos do século XIX, sobre o resultado desta pesquisa, que revela algo que destoa de uma verdade popular ou uma espécie de lenda onde se afirmava que nestas terras se falava o melhor português.

Chego ao final desta pesquisa afirmando que em São Luís a linguagem coloquial se destaca um pouco da norma gramatical, e isto ocorre sustentado por dois fatores ligados fortemente: herança cultural e diferença cultural. Nesta percebe-se o fosso que separa as classes sociais e todo o aparato que os mais privilegiados têm para sua formação intelectual, praticando uma linguagem mais cuidada em ambientes formais. Naquela, a herança cultural, nota-se o empoderamento de uma linguagem que se propaga de geração em geração, carregada de traços da formação do seu povo e da cultura, e apoiada no ambiente em que estes falantes vivem.

No entanto, não se trata de competição, tampouco de sobreposição da linguagem coloquial sobre a norma gramatical, mas da coexistência destas alimentando o léxico da língua portuguesa falada em São Luís do Maranhão, afinal, dentro de uma concepção funcionalista, o locutor e o interlocutor devem se compreender no processo de comunicação, e isto independe de regras, pois todos nós somos competentes em língua portuguesa para desempenharmos a tarefa de nos comunicar.

Durante bastante tempo, isto me incomodou, visto que a impressão que nós temos enquanto docentes é que ensinamos algo desnecessário, obsoleto. No entanto, com o passar dos anos e através desta pesquisa pude confirmar com o posicionamento de Neves (2013) o que eu tinha medo de afirmar, por ser uma simples professora: Que cabe à escola o papel de ensinar a norma gramatical, mas ela deve conviver, aceitar e adequar sua prática à gramática dos falantes.

BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, M. S. S. (1999). A variação fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste. *Revista do Gelne*. Fortaleza, ano. 1, nº 2.
- BAGNO, M. (2004). *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 13ª edic. São Paulo. Contexto.
- BEZERRA, J. R. M., RAMOS, C. M. A., & ROCHA, M. F. S. (2006). *A diversidade do português falado no Maranhão: o atlas linguístico do Maranhão em foco*. São Luís. EDUFMA.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2004). *Educação em língua materna: A sociolinguística em sala de aula*. São Paulo. Parábola Editorial.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2005). *Nós chegemos na escola e agora?: Sociolinguística & Educação*. São Paulo. Parábola Editorial.
- CARENO, M. F. do (1997). *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP.
- CASTILHO, A. T. (2009). *A língua falada no ensino de português*. 7ª edic. São Paulo. Contexto.
- CINTRA, L., & CUNHA. C. (2008). *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª edic. Rio de Janeiro. Lexikon.
- LÉVY, P. (1993). *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro. Editora 34.
- LUFT, C. P. (2008). *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. 8ª edic. São Paulo. Ática.
- MEIRELES, M. M. (1955). *Panorama da Literatura Maranhense*. São Luís: Imprensa oficial.
- MEIRELES, M. M. (2015). *História do Maranhão*. 5ª edic. São Luís. Academia Maranhense de Letras.
- MEIRELES, M. M. (2015). *História de São Luís*. 2ª edic. São Luís. Academia Maranhense de Letras.
- NEVES, M. H. M. (2013). *Que gramática usar na escola?* 4ª edic. São Paulo. Contexto.
- NEVES, M. H. M. (2010). *Gramática na escola*. 8ª edic. São Paulo. Contexto.
- POSSENTI, S. (1996). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo. Mercado de Letras.
- SOARES, M. (1995). *Linguagem e escola: Uma perspectiva social*. 13ª edic. São Paulo. Ática.
- UCHÔA, C. E. F. (2007). *O ensino da gramática: caminhos e descaminhos*. Rio de Janeiro. Lucerna.

WEBGRAFIA

<http://bve.cibec.inep.gov.br> / acessado em 15/09/2016

<http://www.atlasbrasil.org.br> / acessado em 05/07/2016

<http://saoluisemcena.blogspot.com.br> /acessado em 27/08/2016

<http://portal.iphan.gov.br> / acessado em 27/08/2016

<http://opiniaoenoticia.com.br/economia/geracao-nem-nem-e-um-fenomeno-global> /acessado em 02/11/2016

<http://ideb.inep.gov.br/resultado> / acessado em 15/09/2016

<http://cidades.ibge.gov.br/cartograma> / acessado em 05/07/2016

<http://www.coladaweb.com/portugues/a-linguagem-e-os-processos-de-comunicacao> /acessado em 02/11/2016

<http://www.wikipidia.org/wiki/NEET> /acessado em 27/09/2016

<http://www.veja.abril.com.br/2219/01/06/2011> /acessado em 27/09/2016

<http://www.academia.edu/revista-do-gelne-ano-1-n-2-1999> /acessado em 27/09/2016

<http://www.coladaweb.com/portugues/a-linguagem-e-os-processos-de-comunicacao> / acessado em 02/11/2016

<http://blogdopobre.com.br/rede-social-de-pobre> /acessado em 13/10/2016

<http://www.taguaturonline.com.br> /acessado em 05/07/2016

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/ontem-desanquei-um-academico-hoje-aplaudo-um-outro> / acessado em 02/11/2016

<http://mapasparacolorir.com.br> /acessado em 20/05/2017

<http://brasil.gov.br> /acessado em 05/07/2016

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasão_de_São_Luís_\(Maranhão\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasão_de_São_Luís_(Maranhão)) acessado em 24/09/2017

LEGISLAÇÃO

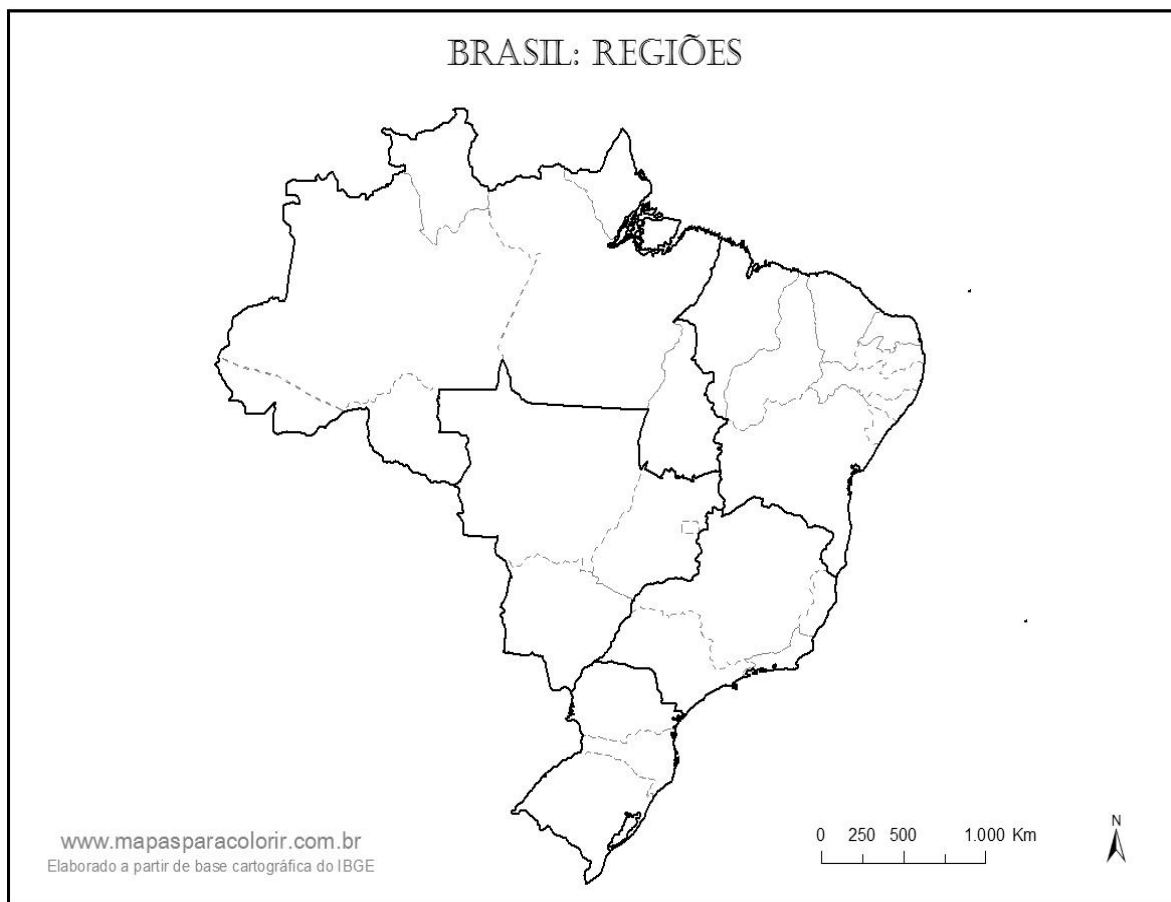
Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

Portaria nº 482, de 7 de junho de 2013.

ANEXOS

ANEXO 1

Regiões do Brasil – Geografia F1

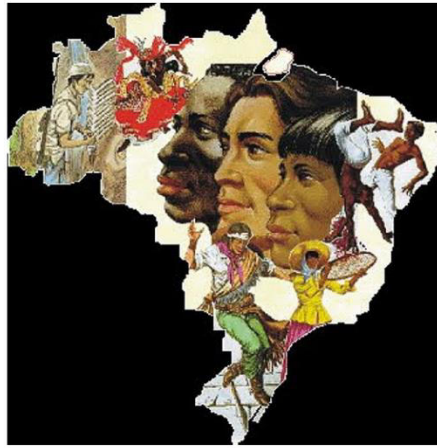


Fonte: <http://mapasparacolorir.com.br>, consultado em 20 de maio de 2017.

ANEXO 2

Formação do povo brasileiro –História F1

Formação do povo brasileiro



ANEXO 3

Lixo – Ciências F1



ANEXO 4

AUTO DO BUMBA-MEU-BOI

A encenação do Bumba-meu-boi tem como base uma lenda que se passa em uma fazenda às margens do rio São Francisco. Ela retrata a configuração social do período da escravidão, mostrando o tipo de relação de poder entre escravos e senhores e as crenças religiosas da época.

Segundo a história, em uma grande fazenda de criação de gados, um casal de escravos, Catirina e Francisco (também conhecidos como Mãe Catirina e Pai Francisco, em algumas regiões) passam por uma situação inusitada.

Catirina está grávida e, certo dia, conta ao marido que está morrendo de desejo de comer língua de boi. O marido, sabendo que desejo de mulher grávida é uma ordem, busca uma solução. Francisco fica angustiado. Com tantos bois perto, nenhum pertencia a eles, são todos do patrão. Catirina então, admirando a lua pela janela, avistou um boi bonito, gordo e vistoso e pensou no quanto desejava comer língua de boi. Seu olhar comprido comoveu o marido, que pegou o boi, o matou e cozinhou sua língua, saciando o desejo da esposa.

O restante do boi, Francisco repartiu com os vizinhos, sobrando apenas o par de chifres e o rabo, que ninguém quis.

Os dias passaram e, numa tarde qualquer, o amo começou a andar por sua propriedade para conferir o rebanho. Foi então que ele sentiu falta de seu grande boi que havia mandado trazer do Egito e perguntou a um de seus empregados onde estava ele. O escravo, então, disse que seu boi havia sumido. Um outro escravo que passava por ali, revoltado por não ter ganhado nenhuma peça de carne, deu com a língua nos dentes e contou que Francisco havia matado seu gado.

Inconsolado, o amo caiu no choro. Francisco e Catirina, com medo da reação do patrão, fugiram para uma outra cidade. O amo não queria nem saber, só queria seu boi vivo de volta. Chamou rezadeiras, pagaram penitências, curandeiros também foram anunciados para tentar ressuscitar o boi, mas o rabo, os chifres e o esqueleto permaneciam no mesmo lugar.

Pai Francisco tem a ideia de procurar a tribo indígena e pedir ao Pajé que faça um ritual para trazer de volta a vida o Boi. O ritual indígena dá certo e o Boi é ressuscitado.

A história termina com uma grande festa, com a presença de todos: o Fazendeiro, que perdoa Pai Francisco; os Vaqueiros de Fita, os Índios e as Índias, o Pajé e como não podia deixar de faltar, Pai Francisco e Mãe Catirina, grávida de seu bebê.

ANEXO 5

As quatro operações / Matemática F1

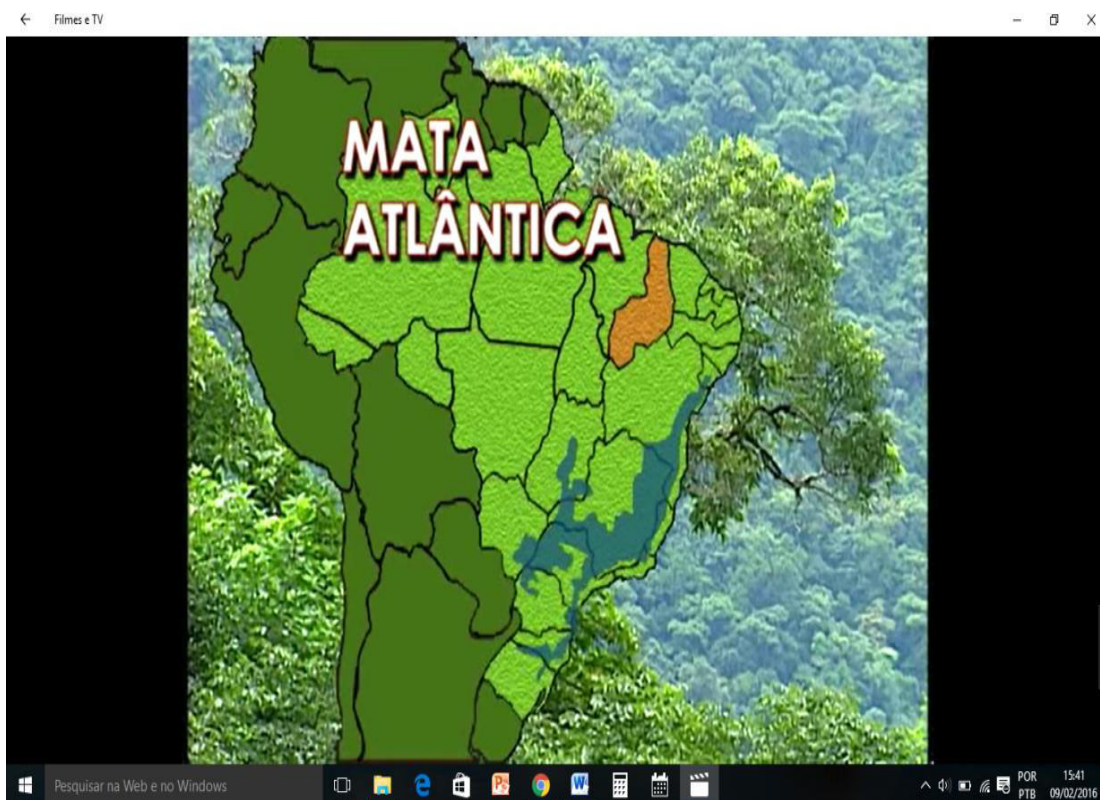


The image shows a BINGO card with a light orange background and a dark orange border. The word "BINGO" is written in large, white, outlined letters at the top. Below it is a 3x5 grid of yellow cells, each containing a simple arithmetic problem. The problems are: Row 1: 8-6, 18:6, 20+20, 6x7, 36:6; Row 2: 14+3, 8+7, 7x8, 90:9, 25+7; Row 3: 2x4, 23-11, 15-6, 8-3, 4x9.

B	I	N	G	O
8-6	18:6	20+20	6x7	36:6
14+3	8+7	7x8	90:9	25+7
2x4	23-11	15-6	8-3	4x9

ANEXO 6

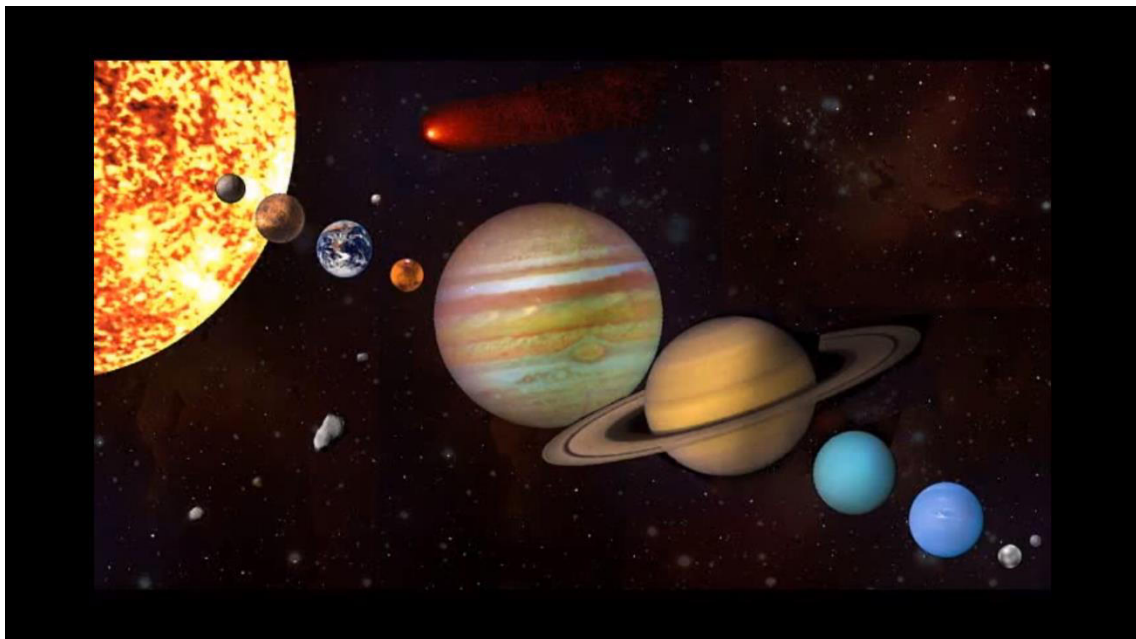
Biomias brasileiro / Geografia F2



ANEXO 7

Feudalismo / História F2





ANEXO 9

Potência / Matemática F2



ANEXO 10

Formulário para professor



Instituto Politécnico da Guarda Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

O presente inquérito por questionário insere-se numa investigação sobre *Percepções da língua em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social*, da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda.

As respostas são confidenciais e os dados destinam-se a tratamento estatísticos, garantindo a confidencialidade das respostas individuais.

Caso aceite participar deste estudo:

Nenhuma resposta é obrigatória e pode recusar-se a responder às perguntas que, por qualquer razão, lhe ocasionem algum tipo de constrangimentos;

Caso deseje, poderá ser informado(a) de todos os resultados desta pesquisa.

Muito obrigada pela participação.

FORMULÁRIO PARA PROFESSOR

Nome: _____

Disciplina: _____

1. QUAL SUA ANÁLISE ACERCA DA LINGUAGEM ORAL DOS ALUNOS NO CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL ?

2. A GRAMÁTICA INTERNALIZADA DELES , SE APROXIMA OU SE DISTANCIA DA GRAMÁTICA NORMATIVA? JUSTIFIQUE.

3. COMO VOCÊ CONSIDERA O USO DA GRAMÁTICA NORMATIVA?

() *Frequente*

() *Raro*

() *Nunca*

4. QUAL SUA PERCEPÇÃO ACERCA DA LINGUAGEM DOS ESTUDANTES EM AMBIENTES SOCIAIS (AGÊNCIAS BANCÁRIAS, CONSULTÓRIOS ETC.)?

- () *Totalmente coloquial*
- () *Parcialmente coloquial*
- () *Culta*

5. COMO VOCÊ AVALIA O FUTURO DA GRAMÁTICA NORMATIVA?

- () *Cairá em desuso*
- () *Será resgatada totalmente*
- () *Será utilizada parcialmente*

6. COMO VOCÊ REAGE A ESTA FALA:

I. Os pessoal chegaram cedo

7. DE QUE MANEIRA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PODEM AUXILIAR NO BOM USO DA GRAMÁTICA NORMATIVA?

ANEXO 11

Formulário para aluno



Instituto Politécnico da Guarda Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

O presente inquérito por questionário insere-se numa investigação sobre *Percepções da língua em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social*, da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda.

As respostas são confidenciais e os dados destinam-se a tratamento estatísticos, garantindo a confidencialidade das respostas individuais.

Caso aceite participar deste estudo:

Nenhuma resposta é obrigatória e pode recusar-se a responder às perguntas que, por qualquer razão, lhe ocasionem algum tipo de constrangimentos;

Caso deseje, poderá ser informado(a) de todos os resultados desta pesquisa.

Muito obrigada pela participação.

FORMULÁRIO PARA ALUNO

Nome: _____

Etapa / Série _____

1. COMO VOCÊ CONSIDERA O SEU DOMÍNIO DAS REGRAS GRAMATICAIIS PARA A COMUNICAÇÃO EM SOCIEDADE ?

- () FREQUENTE
- () RARO
- () PARCIAL

2. EM QUE SITUAÇÕES VOCÊ UTILIZA A GRAMÁTICA NORMATIVA?

- () APENAS COM PESSOAS DESCONHECIDAS
- () SEMPRE

3. COMO VOCÊ REAGE A FALAS COMO:

- I. OS PESSOAL CHEGARAM CEDO
- II. VAMOS.SE ARRUMAR

ANEXO 12

Formulário para falantes em geral



Instituto Politécnico da Guarda Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

O presente inquérito por questionário insere-se numa investigação sobre *Percepções da língua em uso e da gramática normativa no contexto escolar e social*, da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda.

As respostas são confidenciais e os dados destinam-se a tratamento estatísticos, garantindo a confidencialidade das respostas individuais.

Caso aceite participar deste estudo:

Nenhuma resposta é obrigatória e pode recusar-se a responder às perguntas que, por qualquer razão, lhe ocasionem algum tipo de constrangimentos;

Caso deseje, poderá ser informado(a) de todos os resultados desta pesquisa.

Muito obrigada pela participação.

Nome: _____

Idade: _____

FORMULÁRIO PARA FALANTES EM GERAL

1. O QUE TE CHAMA A ATENÇÃO NA LINGUAGEM DAS PESSOAS, ALÉM DO SOTAQUE?

2. NO COTIDIANO, VOCÊ COSTUMA MUDAR A FORMA DE FALAR PARA SE COMUNICAR COM PESSOA DESCONHECIDAS ?


ANEXO 13

Plano de aula de Geografia F1

		PLANO DE AULA Prática de Ensino Supervisionada		
Prof. (º) Orientador(a): Dulcina Almeida/ Sérgio Mendes (eliminar o que interessa)		Prof. (º) Educador(a) Cooperante:		
Aluno(a): Waléria Cristina Soares Pereira		Local de Estágio: UEB AUGUSTO MOCHEL		
Nível de Ensino: Fundamental I Disciplina: Geografia		Data: 01/09/2015		
Série: EJA NOTURNO		Tempo: (100 min)		
Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Divisão Regional do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Comparar as regiões brasileiras considerando: Cultura, economia. - Localizar no mapa: Brasil, Maranhão e São Luis. 	- Regiões brasileiras	Data show; Quadro;	<ul style="list-style-type: none"> - Observação da manifestação de curiosidade - Aplicação de atividade: Mapa.

ANEXO 14

Plano de aula de Matemática F2

 PLANO DE AULA Prática de Ensino Supervisionada				
Prof.(?) Orientador(a): Dulcina Almeida / Sérgio Mendes (eliminar o que interessa)		Prof.(?)/Educador(a) Cooperante:		
Aluno(a): Waleria Cristina Soares Pereira		Local de Estágio: UEB AUGUSTO MOCHEL		
Nível de Ensino: Fundamental II		Data: 02/09/2015		
Disciplina: Matemática		Tempo: (50 min)		
Série: 7º Ano - 72				
Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Potências	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o raciocínio para os tipos variados de potência. - Aplicar as regras de potência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sinal da potência, - Regras operatórias de potência de mesma base e mesmo expoente. 	Data show; Quadro;	<ul style="list-style-type: none"> - Observação da manifestação de curiosidade - Aplicação de atividade.

